

Ano XVI

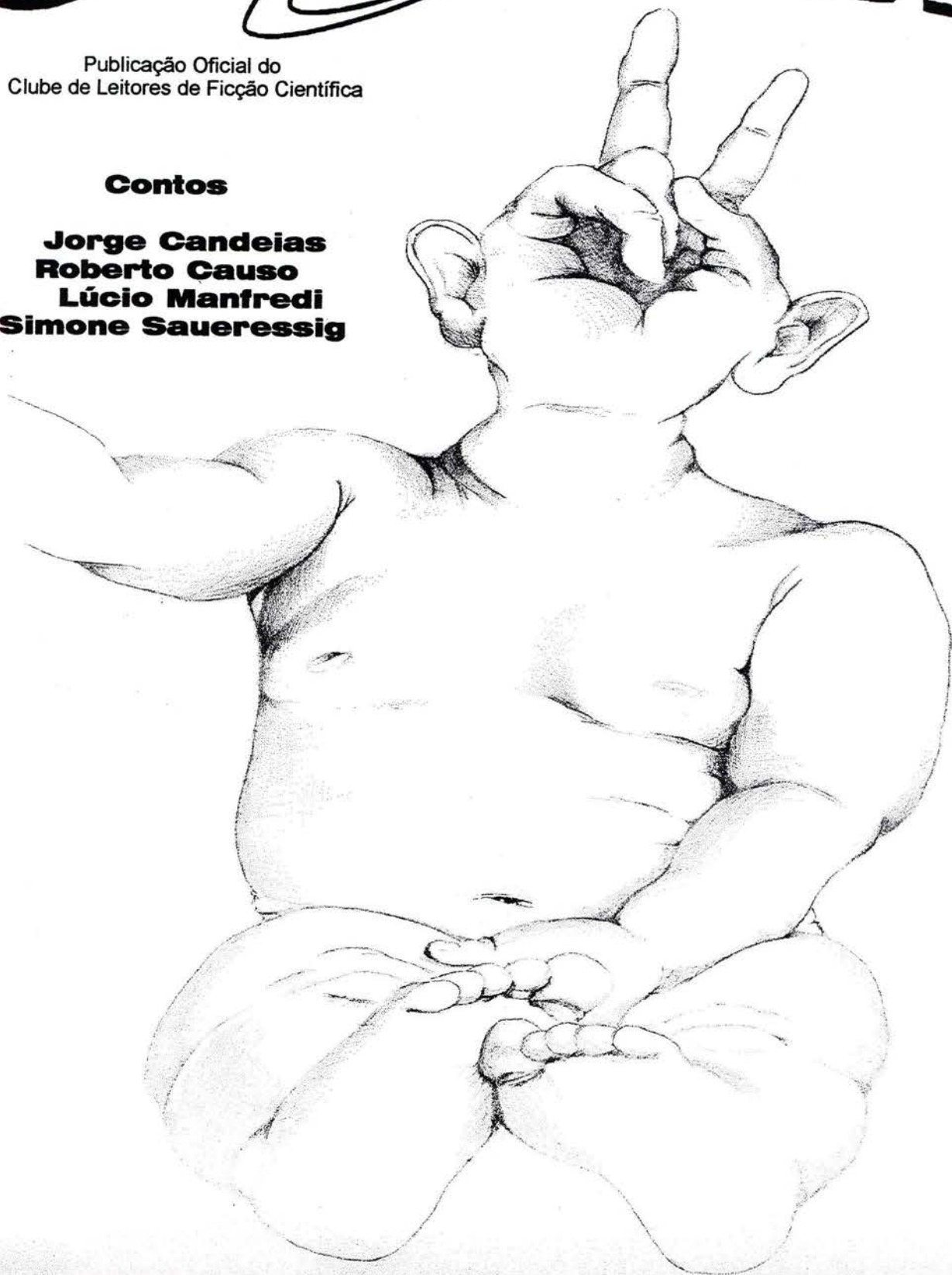
Nº 76

SOMNIUM

Publicação Oficial do
Clube de Leitores de Ficção Científica

Contos

Jorge Candeias
Roberto Causo
Lúcio Manfredi
Simone Saueressig



E mais : Artigos, Entrevistas, Livros e Internet

Índice

Editorial

Virando a última página

FC no Papel

FC na Internet

Entrevistas e Eventos

Kim Stanley Robinson
por Sílvio Alexandre

Alan Dean Foster
CLFC / RJ

Artigo

Espécimes Neandertais-Sapiens portugueses
por Gerson Lodi-Ribeiro

Ficção

Fotos antigas
por Simone Saueressig

Lua furtiva
por Roberto de Sousa Causo

Ostrananie
por Lucio Pina Manfredi

Nos confins
por Jorge Candeias

Resenhas

"Interface com o Vampiro"
Fábio Fernandes

"A Stir of Echoes"
Richard Matheson

Ilustrações

Artur Franz Keppler
Michael Whelan *"The Martian Chronicles"*
John C. Burroughs
Touchstone Pictures
George Cairns, *"Goat Herders"*
Robert O' Keefe *"Hiperespaço"*
Scientific American, Out./99
Robert Gilmore *"Alice no País do Quantum"*

SOMNIUM

número 76
Junho de 2000

Editorias:

Social e Notícias
Ataide Tartari

<atartari@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro

<glodir@unisy.com.br>

Artigos e Contos

César R. T. Silva

<cerito@mandic.com.br>

Geral

Alfredo Franz Keppler Neto.

<akepple@attglobal.net>

Produção Gráfica e Gerência Comercial

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Artur Franz Keppler

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 2000/2001 está composta pelos sócios Gerson Lodi-Ribeiro (Presidente), Humberto Fimiani (Secretário Executivo) e Matias Perazoli Jr. (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105

São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.

<http://members.tripod.com/~CLFC>

e-mail clfc@uol.com.br

03

04

05

06

09

11

14

16

25

29

32

34

capa

06

07

08

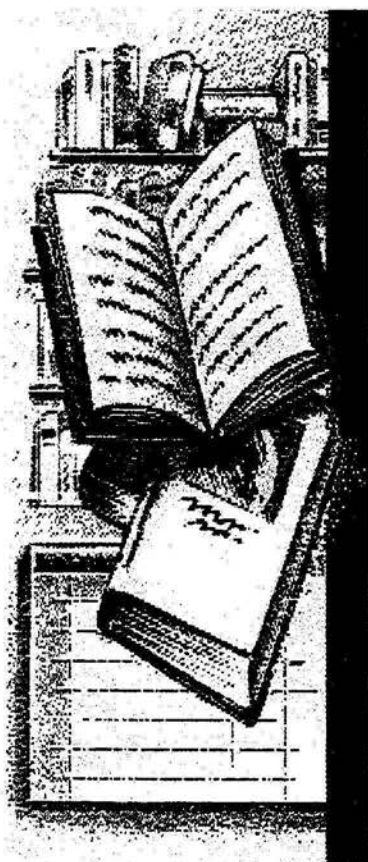
13

15

24

36

"O livro impresso foi seguramente a invenção que mais impacto causou na Civilização Ocidental, depois, é claro, da pizza de aliche e da cerveja gelada."



Eu não vi ainda as estatísticas do evento, porém a julgar pelas multidões maracanescas que se apinhavam diariamente, pelos quatro imensos pavilhões da 16ª Bienal do Livro de São Paulo, que ocorreu nos meses de Abril/Maio passados, eu estimo que devem tê-la visitado fácil fácil umas 250.000 pessoas, entre nativos e forasteiros. Tampouco vi ainda os numero\$\$ dos negócios realizados durante a feira, porém, novamente, a julgar pelas sacolas cheias dos visitantes e pelas respostas dos expositores às minhas perguntas, presumo que as vendas não devem ter decepcionado muito as centenas de livreiros e editores que por lá compareceram, pagando uns bons cobres para expor os seus produtos.

Nada mal, para um País que se diz composto de analfabetos.

E certamente nada mal também para um produto cuja morte tem sido anunciada com certa frequência ultimamente : outro caso de notícia um tanto exagerada, Sua Excelência o Livro continua tão forte e rijo como dantes.

Nem tudo são flores entretanto. Havia lá muito livro didático, antididático, autodidático, muitas revistas de Caras a Bundas, dicionários às dúzias, búzios, tarô e shimpô a dar com pau, enfim, um pouco de tudo.

Menos de FC e FCB.

Ou melhor, quase nada delas que eu tenha visto no meio do dilúvio, as ilustres Senhoras passaram quase desapercibidas. Ah, sim, lá estavam um livro do Causo, sintomaticamente lançado pela editora portuguesa Caminho e também a misteriosa Editora Livros do Brasil - aquela cujos livros não podiam ser vendidos no Brasil, com alguns Argonautas recentes. Porém, foi só isso, tirando ou pondo mais alguns outros opúsculos isolados.

Ou seja, temperando o otimismo quanto à sobrevida do Livro em geral, ficou-me a impressão de que os livros de FC/FCB estão no mínimo passando por uma fase de inanição, vitimados pela perversa e implacável lógica do deus do Mercado : é preciso ter pulmõe\$ forte\$ para se fazer ouvir no meio da enxurrada, para ter pulmõe& forte\$ é preciso vender muito, para vender muito é preciso ter pulmõe\$ forte\$...

E por aí vai.

Nunca é demais portanto ressaltar o quanto precisamos incentivar e divulgar no CLFC as poucas iniciativas quixotescas que teimam em remar rio acima.

Se elas não conseguem mover montanhas, ao menos uns pedregulhos elas atiram na patuléia apatetada.

O Editor



O FANTASMA NA MÁQUINA Lúcio Pina Manfredi

(Ed. Ano-Luz, 74 págs., R\$6,00)

Duas noveletas reunidas num livrinho portátil, pouco maior do que um *pocket* tradicional, com uma capa que, prá variar, não traduz muito bem o seu conteúdo. Se bem que isto seria difícil de qualquer forma, dado às características multifacetadas do texto do Lúcio, um escritor-esponja que visivelmente absorveu influências de todo canto possível do conhecimento humano. O resultado da mistura entretanto está mais para uma boa *paella*, com os mais disparatados ingredientes fundindo-se num todo harmonioso e coerente, apesar do camarão - épa, quero dizer, Philip K. Dick ser evidentemente o sabor predominante.

Tramas complexas, personagens delineados com clareza e ação fluente tornam o livrinho uma leitura absorvente, se bem que às vèzes um tanto *heavy* pelas múltiplas camadas de sentidos, citações e referências que se sobrepõe continuamente.

Só faltou mesmo mesmo o Lúcio se referir a si próprio, o que sem dúvida tornaria os seus textos ainda mais interessantes, pois êle certamente deve ter escondido na manga muito a nos dizer.

E de qualquer forma, mais um golaço da Editora Ano-Luz, que mantém viva com êste segundo volume da coleção Terra Incógnita a sua proposta de dar espaço para a FCB de qualidade.

COLECIONANDO LIVROS, HQ'S & COMPANIA

Gilmar Lopes Chamizo

Caixa Postal 12971 CEP 04010 São Paulo SP

Tai um daqueles casos em que o nome já diz tudo. Ou quase, pois não dá para descrever tudo o que o Gilmar tem para vender nos seus vastos arquivos, onde o forte, se é que assim podemos dizer, são as HQ's. Tem gibí para todos os gostos e gastos, alguns antigos e raríssimos e tem também muitos livros de FC em português, entre êles um monte de Argonautas, GRD's, Hemus etc..., enfim uma mina de *zorkium* para os leitores de FC sequiosos por boas leituras.

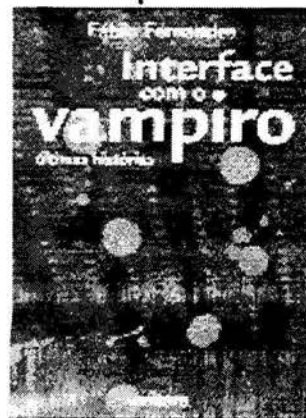
INTERFACE COM O VAMPIRO

Fábio Fernandes - Ed. Writers

(R\$6,00/virtual ou R\$19,20/papel.)

“Foda-se Otto Maria Carpeaux!”

Bom, depois dessa só mesmo lendo o novo (aliás, o primeiro) livro do Fábio Fernandes, cuja resenha, perpetrada com a costumeira erudição pelo Lúcio Manfredi, está mais adiante. A frase de impacto acima foi pinçada da resenha: fora do seu contexto, é claro que ela vira ofensa pessoal, o que não é o caso nem foi a intenção do Fábio, autor do livro e da também da frase.



O Dilúvio pós-moderno certamente nos afogará em informações e não com água, fogo ou bosta, como preconizavam os profetas coléricos de antanho. Se bem que, a julgar pelo conteúdo de boa parte das páginas na Internet, até que é bem provável uma combinação com a última substância, por assim dizer... Assim sendo, a procura por locais interessantes no meio da torrente torna-se um exercício de paciência, um teste de elasticidade sacal para já nenhum botar defeito.

O que está a seguir é, como sempre, apenas uma pequena amostra do que andamos pescando, com um certo esforço de seleção.

Sites

Resenhas de livros <http://www.cs.latrobe.edu.au/~agapow/Postviews>

Se você andava com dúvidas sobre comprar ou não aquele *pocket* que a *Amazon.com* está lhe propondo e se ainda por azar o Tio João Barreiros não está disponível para dar uma opinião abalizada, bem, então este é o site onde v. poderá tomar informações sobre o dito cujo, antes de comprometer com ele os seus suados US\$'s. Muitas resenhas, na esmagadora maioria sobre livros editados em inglês e quase sempre da lavra de fãs como nós, o que limita e de certa forma não elimina totalmente o risco de acabarmos com uma "bomba", já que o que é doce para uns é veneno para outros. Mas ainda é melhor do que nada e às vezes existem diversas resenhas do mesmo livro para comparar.

Nightscaapes <http://www.toddalan.com/~berglund/>

Esta é uma dica do nosso prolífico cultor dos contos horríficos, o Carlos Orsi Martinho, que nos informa que está no ar a 13ª edição do e-zine NIGHTSCAPES, dedicado ao terror e à fantasia de inspiração lovecraftiana. Este número traz um conto inédito e original d'ele, em inglês (revisado por Edward P. Berglund), além de muitas outras coisas legais!!!!

Sítios

INTEMPOL <http://www.intempol.com.br>

Esta não é bem uma novidade, pois já faz algum tempo que a construção do Universo Intempoliano anda a pleno vapor, num espaço aberto aos leitores e escritores que se interessem por assuntos, digamos, temporais. Por exemplo, dentro da página "casos" estes vão achar alguns contos da segunda geração da Intempol (ou seja, que não foram incorporados no livro). Tratando-se de um local eminentemente interativo e em permanente construção, sugerimos visitas regulares para saber das novidades, tais como a "oficina de contos da Intempol", sob a batuta do Fábio Fernandes, no endereço "oficina_intempol@egroups.com". Sejam bem-vindos!

Novos EVENTOS balançam a Rêde! <http://www.geocities.com/simetriaEVENTOS>

Evidentemente não seguimos a sugestão do coordenador Luis Filipe Silva sobre a sua revista virtual EVENTOS : "O nosso lema: o conhecimento é solitário. Se não gostou, avise os seus amigos para evitarem; mas se gostou, faça a si mesmo um favor: não diga nada a ninguém". Muitos contos d'além-mar, notícias, gozações e coisa séria, enfim, um sitio muito porreiro que os gajos de lá andam a publicar virtualmente.

CLFC <http://members.tripod.com/~CLFC/>

Finalmente, após um longo e tenebroso período largado às cibertraças, eis que volta vigoroso e valente o sitio oficial do Clube, com novo visual, novos contos e, esperamos, também novos contribuintes, leitores e críticos.

HORROR! HORROR!! <http://www.geocities.com/Paris/8164/orsi.html>

Lembrando aquela famosa canção, "Para não dizer que não falei de horrores...", eis aqui uma dica de horror, para mostrar que o Somnium não é só FC hard, mas também incursiona por estas áreas obscuras. Basta que sejam de qualidade, como esta página do Carlos O. Martinho, focalizada nos seus temas favoritos com a competência de sempre.

Entrevistas e Eventos :

Kim Stanley Robinson

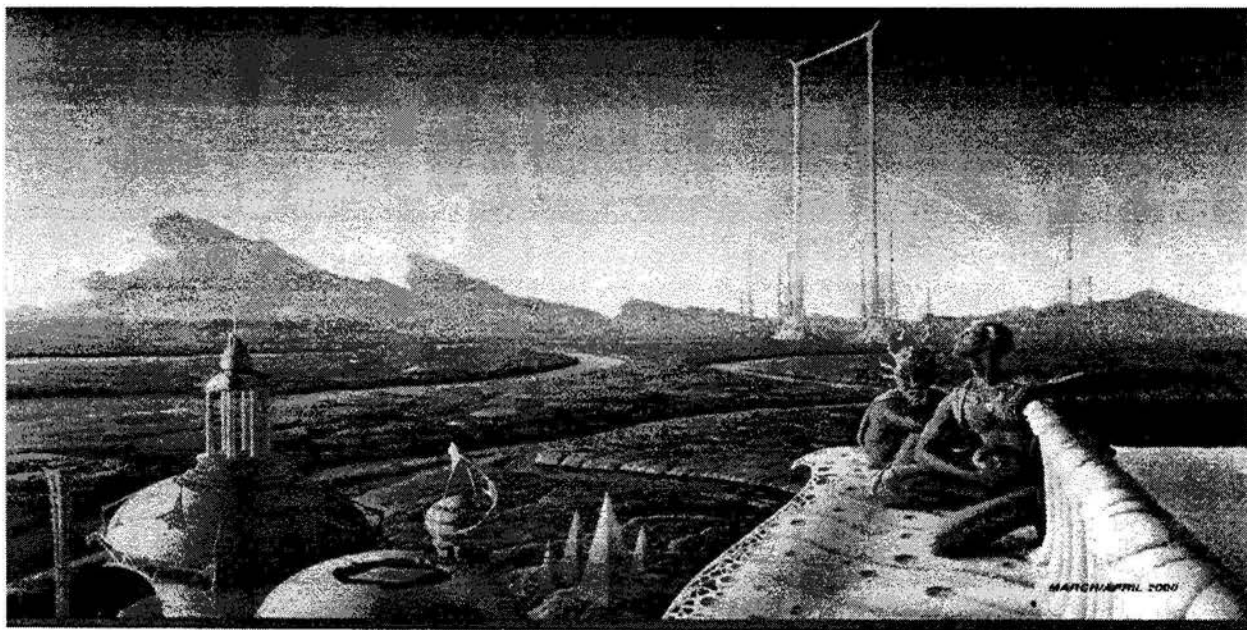
por Silvio Alexandre

*No decurso das suas negociações para nos trazer em português a (justamente) aclamada trilogia épica **Marte Vermelho**, **Marte Verde** e **Marte Azul**, considerada o trabalho de ficção mais sério e consistente sobre o planeta Marte já escrito até hoje, Silvio Alexandre obteve esta entrevista com o seu autor, Kim Stanley Robinson.*

O planeta Marte sempre nos fascinou.

Qual seria a explicação para tanta fascinação? O que o atraiu para escrever sobre Marte?

Tudo o que eu aprendi até agora sobre Marte o torna cada vez mais fascinante. Antigamente era apenas uma pequena estrela vermelha em movimento; depois um planeta nas proximidades; em seguida um planeta que poderia comportar vida; então um planeta que talvez tivesse canais por toda a sua superfície; agora é um planeta com muita água e enormes configurações geológicas. Os mapas e fotos que temos hoje são incrivelmente detalhados, e nós ainda podemos vê-lo no céu; é portanto tão real, e ao mesmo tempo vazio. Isto é uma poderosa combinação, e um dos principais motivos pelos quais eu escolhi escrever a respeito.

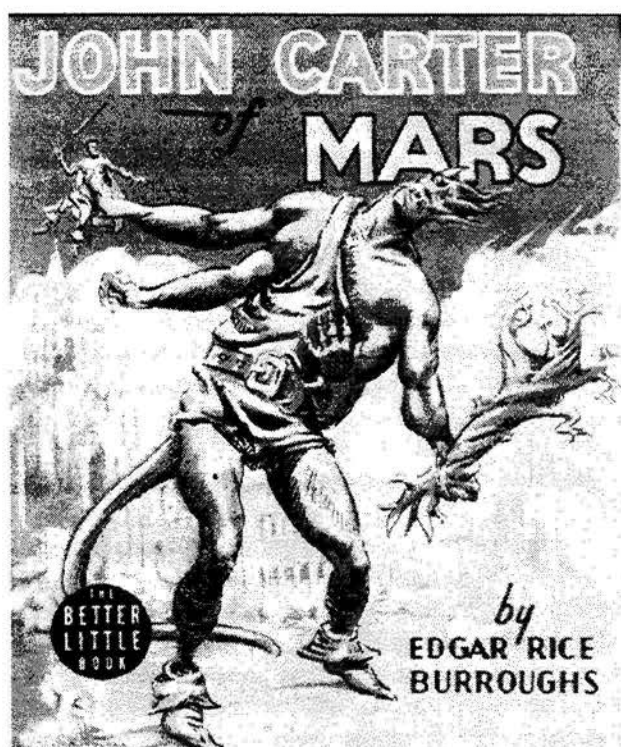


Marte se parece com a Terra de muitas maneiras, o tamanho, a presença de água, a duração do dia, a variação das temperaturas. Com tantas similaridades será realmente possível que viveremos em Marte?

Eu acho que habitar Marte será um projeto humano bastante ambicioso, mas só pode funcionar se a sociedade na Terra estiver andando bem, se não o projeto Marte fracassará. Portanto, o próximo passo na história é a “permaculture”, o que significa uma civilização que se auto sustenta, com comida, água, abrigo, roupas, assistência social que se auto sustente ao longo dos séculos. O projeto Marte será apenas um experimento que ajudará neste projeto maior.

Será que colonizar Marte, a Lua ou qualquer outro lugar fora da Terra poderá resolver os vários problemas aqui na Terra, como por exemplo, o de superpopulação?

Sim, os humanos poderiam viver em Marte, como primeiramente fizeram na Antártida, protegidos pela tecnologia mais moderna, em pequenas estações científicas. Mais tarde, poderia ser possível terraformar Marte, criar uma atmosfera e uma biosfera, mas isso levaria muito mais tempo. Entretanto, fisicamente é possível; Marte tem recursos congelados lá, será apenas uma questão de aquecer o planeta, basta tecnologia, não algo mágico como viagens mais rápidas do que a luz ou outros tipos de invencionices.



Alguns consideram o projeto de terraformação demasiadamente lento e presunçoso. Mas considerando que aqui na Terra muitas espécies estão em perigo de extinção a menos que as protejamos e que temos reorganizado grande parte de terra, alterado a atmosfera e o clima global, será que nós já começamos a terraformizar a Terra para mantê-la habitável?

Não, a explosão demográfica não pode ser resolvida mudando-se as pessoas para fora da Terra, porque a explosão demográfica já está presente agora, e a capacidade de fazer essa mudança de pessoas para fora da Terra não está. É também uma questão de pessoas a mais do que possam possivelmente mudar. Portanto, devemos resolver o problema da população por aqui, sem qualquer ajuda extraterrestre, assegurando que as mulheres possam ter mais poder de decisão em suas vidas, promovendo a justiça social e a igualdade em todos os lugares. Isto é algo que as pessoas nos Estados Unidos precisam compreender melhor, para que não pensem que é um problema da alçada de outra pessoa.

As imagens que a Pathfinder mostrou de Marte, em 97, fez muita gente pensar que colonizar outros planetas, particularmente o planeta Marte será o próximo passo para a história de evolução humana, o que você acha?

Sim, é exatamente desta maneira que eu me posicionei quando dou palestras: nós já estamos terraformando o planeta Terra antes que estejamos preparados a fazê-lo, além da necessidade de mantê-la em equilíbrio. É dessa forma que Marte pode ser parte do projeto de meio ambiente; indo a Marte, estudando-o, até mesmo tentando terraformá-lo, nós aprenderemos mais sobre como a própria Terra funciona, e seremos melhores na forma de administrar a biosfera da Terra ao longo do processo. No Brasil isto deve ser uma questão facilmente compreensível, pois vocês são os comissários dos “pulmões do mundo”. Nos Estados Unidos, onde todos os problemas parecem estar à distância, é difícil entender este aspecto, mas tudo agora se tornou uma vila única, globalizada.

O espaço sempre deu uma oportunidade fantástica para os escritores de Ficção Científica. O que você acha desse ressurgimento pelos escritores voltarem a escrever sobre Marte?

Eu acho que as missões das sondas *Mariner* e *Viking*, de 1969 e 1976, nos deram uma concepção de Marte inteiramente nova para se imaginar, com fotos detalhadas do espaço, e algumas até mesmo do solo de planetas. Levou algum tempo para que os escritores de ficção científica digerissem todas essas notícias e decidissem o que fazer com esse lugar novo no espaço. Mas, assim que eles começaram, um grande número de livros sobre Marte apareceu.

A década dos anos 90 marcou o aparecimento de uma nova safra de romances marcianos, quase todos com uma alta dose de realismo e plausibilidade científica, mas nenhum propôs microfósseis marcianos (a exceção de Ben Bova). Qual sua opinião sobre o meteorito ALH 84001 descoberto na Antártica com evidências de vida alienígena?

Eu posso apenas escutar, seguir o que os cientistas que são especialistas no assunto dizem. Parece que a evidência em ALH 84001 é sugestiva, mas não é conclusiva, em absoluto. O mesmo acontece com os outros meteoritos marcianos que estão sendo investigados agora, em relação aos microfósseis. Portanto, essa questão não será decidida até que nós de fato viajemos até Marte e procuremos microfósseis por lá. Se a vida existisse em Marte, é muito provável que encontrássemos leitos de bactérias fossilizadas, como os *stromatolites*, encontrados na Austrália. Assim o caso ficará provado, e serão grandes notícias, de fato. Ou, pode ser que nunca encontremos quaisquer evidências conclusivas, em todo caso os argumentos sobre ALH 84001 acabarão morrendo por falta de informações que a sustentem.

Segundo Gary K. Wolf, da revista Locus, você é capaz de tornar acessível as informações científicas com clareza de um Asimov ou um Clarke. De onde vem o seu conhecimento científico? É verdade que você pesquisou durante 17 anos sobre Marte antes de escrever sua trilogia? Como foi essa pesquisa?

Estou trabalhando como escritor de ficção científica há 26 anos, e cada história requer alguma pesquisa científica. Estou casado com uma cientista há 17 anos, e por dois anos nós moramos na Suíça onde todo nosso convívio social era formado por outros cientistas que visitavam o laboratório de minha esposa. Dessa forma, eu passei muito tempo dentro da comunidade científica. Eu também aprecio ler a revista semanal *Science News*, na qual participei durante os últimos 15 ou 20 anos, e que me mantém em dia com os projetos atuais das Ciências. Portanto, isto é uma educação em Ciências e talvez a melhor para um escritor, onde o que é importante, não é o que eu faço na Matemática, mas o que eu entendo de como o sistema funciona.

Quanto a Marte, eu fiquei interessado pelo planeta em 1977, quando escrevi minha novela *The Memory of the Whiteness*, comecei a colecionar livros sobre o assunto e a lê-los naquela época. Eu fiz duas histórias Marcianas, em 1980, então comecei *Marte Vermelho*, em 1989, época em que já tinha uma grande biblioteca Marciana e questões sobre a pesquisa para meus livros. Portanto, até agora são 17 anos de estudos contínuos, com certeza, além de um interesse de colecionar ao longo desses anos.

Você fez bacharelado em Literatura, mestrado em Inglês e doutorado com uma tese sobre Philip K. Dick. Fale a respeito dessa tese sobre o trabalho de Philip K. Dick.

Sou, fundamentalmente, um romancista, e trabalho com FC porque é a mais exata disponível em seu realismo. É a literatura que eu mais gosto, uma literatura que estudei na Universidade da Califórnia, em San Diego, nos anos 70. Quando trabalhei em meu doutorado tive a sorte de poder estudar com Fredric Jameson. O mais famoso crítico literário marxista e um grande filósofo, ele orientou-me no trabalho sobre Philip K. Dick, a quem ele chamava “o grande escritor americano ainda em vida”. Eu comecei a ler os livros de Dick e senti uma grande afeição por seu radicalismo político, sua posição em defesa das pessoas comuns, suas estruturas de múltiplo ponto de vista e seu misticismo da Califórnia. Infelizmente, Dick morreu dois meses antes que eu terminasse minha dissertação, e portanto nunca fui capaz de lhe mostrar

Quais são as suas influências literárias?

Em poesia: Wallace Stevens, Gary Snyder e W.S. Merwin. Na literatura britânica: Joyce Cary, Virginia Woolf, Joseph Conrad e Patrick O'Brian. Na literatura mundial traduzido em inglês: Marcel Proust, Ítalo Calvino, Gabriel Garcia-Marquez, Alejo Carpentier. Em literatura norte-americana: Herman Melville, Mark Twain, Cecilia Holland e Thomas Pynchon. Em ficção científica: Samuel R. Delany, Gene Wolfe, Ursula K. Le Guin, Joanna Russ, Stanislaw Lem e os irmãos Strugatski.

Por influências, você deve entender que estes são os escritores que eu gosto de ler. Em meu próprio projeto estou sempre tentando responder aos problemas que estão à mão no projeto em que trabalho. Nessa ocasião eu não fico pensando nos escritores que gosto, mas somente na direção que estou seguindo.

Você vai participar de alguma maneira no filme de James Cameron?

Os atuais projetos de Cameron sobre Marte são uma mini-série de televisão e um filme IMAX que se refere a uma primeira viagem a Marte e o que acontece nela. Esta será uma história do próprio Cameron, embora baseada na minha. Se a empresa dele for em frente e produzir uma série de televisão talvez eu pudesse ser algum tipo de consultor menor. Mas isso pode nunca acontecer. Cameron é o tipo de diretor que escreve seus próprios roteiros, isso é o que o torna tão bom. Meu romance de três partes estará sempre aí, não importa o que aconteça em Hollywood. Fico feliz a respeito de uma associação com Cameron e ficarei na expectativa de ver se algo mais aparecer disso, mas como eu disse, meus livros estão aí.



Aproveitando uma breve passagem do conhecido escritor norte-americano pela Cidade Ainda Maravilhosa, o pessoal do CLFC-RJ lavrou mais um tento, conseguindo organizar eficientemente (e com muito poucos recursos) um evento dos mais interessantes, um misto de entrevista coletiva e mini-convenção. Nas palavras do Eduardo :

Sim, DEU CERTO!

- . Sala cheia (cerca de 30 pessoas). Alan chegou na hora. Começamos às 19h em ponto e fomos até as 21:30h.
- . Palestra, debates e muitas informações de bastidores sobre FC, livros e filmes. E a visão pessoal de ADF.
- . Um clima leve e bem humorado.
- . Saiu outra nota no jornal *O Globo* do dia. Valeu Octavio!
- . A tradução simultânea foi fluente e com boa química com o Alan. Valeu, Gordirro!
- . Muita gente nova querendo se associar ao CLFC : organizei uma lista de presença com as coordenadas. Depois te mando, Fimiani!

Pessoal: estou entre viagens e sem tempo prum relatório detalhado sobre a I RioCon do CLFC de 8/5 com o Alan Dean Foster, assim, depois daquele trailer, vamos apenas a uns *highlights* :

Primeiro, vamos registrar que a idéia inicial foi do Marcello Simão Branco, que deu a dica da vinda do Alan e me passou o e-mail dêle prá gente acertar a sua presença.

Sobre meu piripaque : é que o Alan trocou de hotel de novo na ultima hora e nem a agencia sabia onde êle estava. Só sabia que êle tinha ido passear em Itatiaia. Ficamos no escuro e sem contato com o Alan até 25 minutos antes da hora marcada, quando êle chegou tranquilo, prá meu alívio. Não tinha esquecido e honrou o compromisso - o Gil Serique, que o acompanhava, disse que desde de manhã êle já havia condicionado que só iria ao passeio se não houvesse chance de atraso na palestra do CLFC.

Eu e Octavio ralamos pra viabilizar o evento, que felizmente foi um sucesso. Tivemos umas 30 pessoas, o local foi legal, teve uma razoável divulgação na imprensa e o evento foi super interessante.

ADF é um cara simpático e acessível. A tradução simultanea foi do André Gordirro (certamente havia no Rio outros sócios do CLFC com condições de fazer essa função, mas o Gordirro foi o único que atendeu ao nosso chamado e confirmou presença com antecedencia - e fez um ótimo trabalho com boa química com o Alan). Valeu, Gordirro!

ADF falou de sua vida e carreira.

Contou como ainda adolescente comparecia a congressos e convenções de FC, onde encontrou escritores famosos. Conversou com êles e descobriu decepcionado que êles raramente saiam dos EUA. ADF sentia que era preciso viajar e conhecer novos lugares para poder escrever sobre outros mundos. Ele tem viajado muito e frequentemente essas viagens lhe dão ideias para novos livros.

Êle conhece a maioria dos autores de FC. Já visitou Clarke no Sri Lanka (e diz que êle o derrotou no ping-pong). Gosta de trocar ideias com a velha guarda como Sprague de Camp e Jack Williamson e sente-se como uma 'ponte' entre a velha (velha mesmo) geração e a nova, como Greg Bear.

Alan falou que gosta de escrever novelizações porque assim pode 'consertar' as besteiras dos filmes e mostrar tudo aquilo que o espectador gostaria de ter visto - e não pode ver, por problemas de orçamento.

ADF falou de sua relação com George Lucas e Gene Roddenberry. Sobre o GR, fez uma declaração polemica : disse que facilmente encontramos elogios de atores, diretores, produtores e outros participantes do *showbizz*, mas nunca de roteiristas. ADF diz que Gene gostava de se considerar um escritor de mão cheia, mas era fraco. Os roteiristas tinham medo de conversar com êle, pois êle vivia roubando idéias.

Ainda sobre ST, Alan disse que a Paramount ia recriar a série de TV, mas a filhinha de um figurão da Gulf+Western teria pedido ao 'pai' um filme de ST. Aí foi dada a ordem pelo pai e teve que ser filme mesmo. O ST1 foi baseado na história de ADF para um episódio duplo. Foi de ADF a idéia de fazer do Kirk um almirante.

Sobre Lucas, falou sobre o primeiro livro de *Star Wars* que escreveu, em 1976. O autor foi o ADF, mas pelo contrato a autoria seria dada a Lucas. O *Splinter of the Mind's Eye* seria uma continuação sob medida para ser filmada com baixo orçamento, caso o primeiro *Star Wars* fosse um fracasso. Foi um mega-sucesso e Lucas seguiu seu caminho sem o ADF.

Alan contou ainda uma deliciosa história sobre as filmagens de Tubarão, onde a produção contratou um anão pras cenas das gaiolas debaixo d' água. A idéia era dar a impressão que o tubarão era maior. Só que o anão não sabia mergulhar de *aqualung*. E tudo parou pro anão receber aulas de mergulho por uma semana. Custou uma fortuna a equipe toda parada na Austrália, esperando o anão aprender a mergulhar. Tudo pronto, faltava o grande tubarão branco. A equipe tinha um especialista em tubarões brancos. Selecionaram o local e ficaram jogando carne e sangue n' água. Uma semana e nada. Duas semanas e nada. Três semanas e nada de tubarão branco. Até que no último dia, quando já iam cancelar tudo, aparece um grande tubarão branco. Grande não, gigantesco. Mais de 10 metros. Selvagem. Irado. Monstruoso. O bicho era tão grande que se entalou entre a gaiola semi-mergulhada, suspensa por um guindaste, e o casco do barco. Amassou o guindaste. Quase afundou o barco. O bicho enraivecido abria uma boca gigantesca, cheia de dentes de navalha tentando alcançar o pessoal no convés. Entre eles, o anão mergulhador que a tudo assistia apavorado, estático de pânico. Finalmente o tubarão se desentala. Mas fica nadando em volta do barco. Alucinado pelo sangue e pela agitação. Com raiva de ter ficado preso. Querendo comer alguém pra aplacar a sua ira e sede de sangue. Nesse momento, o diretor chama o anão pra vestir o equipamento de mergulho e entrar na gaiola, que seria mergulhada no mar, onde estava o tubarão. Mas cadê o anão? O apavorado anão havia se trancado no banheiro e ninguém conseguia tirá-lo de lá. Entrar n' água junto com o tubarão? Nem pensar. Não teve jeito. Acabaram desistindo e usaram um manequim. O Gordirro disse que vai esperar sair o DVD dos 25 anos de Tubarão pra conferir, parando a imagem quadro a quadro.

Sobre Alien, Alan contou que a Fox o fez escrever o livro antes do filme, com a exigência de não poder ver nenhuma cena nem fazer qualquer descrição física do Alien. Valia tudo. Octavio lembrou que o ADF escreveu no livro que o Alien tinha cabelos. Alan não lembrava. Mas disse que era bem possível! Alan falou de sua nova obra, *Montezuma's Trip*, que está virando série de TV. Falou de *Cyber Way* e de como a complexa tessitura dos tapetes Navajo o inspirou, pois são tão complexas como circuitos integrados de *chips* de computadores.

Tivemos depois quase duas horas de perguntas da plateia, que o ADF respondeu com atenção e franqueza.

Perguntei sobre viagens no tempo e ADF disse que gosta do gênero, que considera um dos mais difíceis da FC, mas que não se sente à vontade nele como escritor. Disse que é difícil evitar repetições em VnT. Quase tudo já foi escrito ou filmado. Seu livro favorito de VnT é "A Máquina do Tempo" de H. G. Wells.

Seu filme favorito de FC é "O Planeta Proibido". Ainda hoje se arrepia com os 'monstros do id'.

Seu filme favorito de fantasia é "O Ladrão de Bagdá" (depois da palestra ficou a polemica de qual seria a versão)

Seu filme favorito de aventura é "Gunga Din".

Teve sessão de autografos com fila e tudo! Alan autografou meu Alien e meu Krull. Com mensagem em português!

Depois fomos jantar com o Alan e amigo dele, o Gil Serique, num restaurante italiano. Presentes eu, Octavio, Felipe, Braulio Tavares e Causo. Gordirro não pode ficar. Fabio Fernandes chegou mais tarde, pouco antes da saída do Causo (cumprimentaram-se civilizadamente).

Voltamos pra casa cansados, mas com alma leve.

Eduardo Torres

Espécimes Neandertais-Sapiens Portugêses

por Gerson Lodi-Ribeiro

A literatura de FC se notabilizou particularmente pela criação de seres extraterrestres dos mais bizarros e exóticos. Entretanto, aqui mesmo na nossa Terra já caminharam/rastejaram/flutuaram muitos seres reais, criados pela Mãe-Natureza, mais estranhos do que a mais desvairada imaginação literária poderia criar.

Dêstes, a imensa maioria desapareceu deixando-nos apenas vestígios fossilizados. Alguns entretanto podem até estar hoje mesclados e convivendo conosco, conforme nos apresenta o Gerson.

Até bem pouco tempo atrás, a visão científica tradicional defendia a tese de que os neandertais constituíam uma subespécie distinta, o *Homo sapiens neandertalensis*.

Segundo esta tese, os neandertais não eram páreo para os humanos anatomicamente modernos (*Homo sapiens sapiens*), que os teriam suplantado com suas tecnologias e culturas superiores. Este dogma confortável se disseminou da comunidade científica para o público em geral.

Esta mesma visão oficial defendia que as últimas tribos neandertais teriam desaparecido da Europa por volta de 34.000 a.p. (anos antes do presente). Contudo, descobertas recentes na Croácia e no sul da Espanha estenderam a sobrevida neandertalense até cerca de 28.000 a.p.

A própria ficção científica espelhou a crença da inferioridade intrínseca dos neandertais em muitos romances e contos, dos quais "E o Dia Se Fez" de Lester Del Rey¹ é o exemplo dentre muitos que me vem à mente de imediato. Nesse conto vemos o confronto pacífico entre um dos últimos remanescentes neandertais e os humanos modernos, que ocupam paulatinamente os nichos ecológicos de seus análogos mais primitivos.

Não devemos menosprezar Del Rey, que não era ignorante, muito pelo contrário. Afinal, ele estava mais ou menos em sintonia com a norma científica da época em que o conto foi escrito. Essa ciência oficial advogava que os neandertais foram criaturas de mandíbulas e dentição poderosas;

testa fúgdia; crânio pequeno; corpos peludos e postura simiesca, apenas semi-ereta.

A tese da inferioridade neandertal foi abalada pela primeira vez quando se descobriu que os neandertalenses possuíam volume craniano médio cerca de 10% superior ao dos humanos modernos.

No entanto, a conformação diferente do crânio neandertal típico parecia indicar, segundo alguns, que o cérebro dessa variedade humana, embora algo maior que o de seus congêneres atuais, seria anatômica e funcionalmente diferente: seria mais desenvolvido que o nosso cérebro em algumas áreas, e menos desenvolvido em outras. De acordo com essa nova investida dos proponentes da tese da inferioridade, uma área particularmente pouco desenvolvida nos cérebros neandertais seria a responsável pelo pensamento simbólico e pela linguagem. A conclusão óbvia era que os neandertalenses não teriam fala articulada e tampouco conseguiriam planejar a longo prazo e erigir culturas tão diversificadas quanto as dos humanos que os sucederam.

A discussão permanece inconclusa quanto à capacidade da fala. Contudo, quanto ao pensamento simbólico, convém lembrar que os neandertais foram os primeiros humanos a organizar cerimônias fúnebres, o que constituiria prova do domínio de idéias abstratas como as da vida após a morte. Há estudiosos, todavia, que até esta precedência tentam negar aos neandertais, alegando que aquelas

armas, alimentos, utensílios, ornamentos e pétalas de flores, que parecem ter sido cuidadosamente sepultados com os cadáveres neandertais, foram em verdade enterrados junto com os corpos por mera coincidência...

De qualquer modo, inferior, igual ou superior, o fato é que os neandertais continuavam sendo considerados ora uma subespécie distinta da humanidade, ora outra espécie do gênero *Homo*, inteiramente apartada do *Homo sapiens*. Análises do DNA de fósseis neandertais pareceram a princípio corroborar a tese das duas subespécies, ao indicar que os neandertalenses não teriam sido ancestrais dos humanos modernos. Este resultado foi publicado com enorme alarde na revista acadêmica *Cell* em julho de 1997.

O segmento de DNA retirado do osso do braço de um fóssil neandertal é do tipo mitocondrial. Mitocôndrias são organelas que produzem energia para a célula, possuindo seu próprio DNA, diferente do DNA do núcleo da célula.² Como os espermatozoides não possuem mitocôndrias, o DNA mitocondrial (mtDNA) passa apenas de mãe para filho. Ao contrário do DNA nucléico, o mtDNA não sofre recombinação genética através da reprodução sexual. Portanto, a variação existente entre duas seqüências de mtDNA é resultado apenas das mutações. Como se imagina que as mutações se acumulem em taxas mais ou menos constantes, podemos calcular, em tese, o intervalo de tempo decorrido desde que duas seqüências de

mtDNA divergiram.

Os autores do artigo publicado na *Cell* concluíram que os neandertais não foram nossos ancestrais após determinar que a variação entre os mtDNA neandertal e moderno é em média quatro vezes maior do que a variação existente entre quaisquer populações modernas. Alguns pesquisadores, no entanto, discordam desta conclusão, observando que tanto chimpanzés quanto outros primatas exibem variações intraespecíficas de mtDNA muito maiores que as encontradas entre os humanos atuais. Analisada desse ponto de vista, a quantidade de mutações acumulada entre neandertais e humanos modernos não é significativa, no sentido de não implicar necessariamente a existência de duas espécies humanas distintas.

* * *

Com datação radioativa de 28.000 a.p., os fósseis neandertais encontrados numa caverna de Vindija, noroeste da Croácia, apresentam uma série de características anatômicas modernas que, de acordo com alguns estudiosos, constituiriam evidência da miscigenação entre humanos neandertais e modernos. Segundo esta tese, os dois grupos não difeririam entre si mais do que os europeus atuais diferem dos aborígenes australianos.

Os advogados da tese das duas espécies distintas contra-argumentaram que os vestígios fósseis de Vindija são por demais fragmentários para serem conclusivamente diagnosticados como produtos de miscigenação, e que quaisquer semelhanças por ventura existentes seriam fruto da evolução convergente.

Novas evidências, tanto da sobrevivência tardia dos neandertais, quanto de processos de cruzamento inter-racial entre neandertais e modernos surgiram em janeiro de 1999 com a descoberta em Lapedo, Portugal, do esqueleto quase completo de uma criança de quatro anos, sepultada há 24.500 a.p. no estilo funerário da tradição cultural Gravetiana, tradição esta que consiste em depositar o corpo sobre um leito de grama e vegeta-

ção queimada, cobri-lo com ocre vermelho e colocar alguns utensílios pessoais ou ornamentos a seu lado, no caso desse espécime infantil — batizado de Lagar Velho 1 — um dente de cervídeo perfurado e uma concha marinha. A cultura Gravetiana é comumente associada aos humanos anatomicamente modernos. De acordo com Cidália Duarte, pesquisadora do Instituto Português de Arqueologia, Lagar Velho 1 exibe uma tal mistura de características anatômicas neandertais e modernas que só poderia ser explicada através de intercruzamentos extensos e continuados entre as duas populações.

O amálgama anatômico de Lagar Velho 1 não é resultado de qualquer anormalidade genética, congênita ou adquirida. Ao contrário, o fóssil infantil apresenta um padrão de desenvolvimento normal. Portanto, a mistura de características neandertais e modernas só pode ser atribuída ao fato da criança ter possuído tanto ancestrais neandertais quanto modernos. Lagar Velho 1 foi o resultado do intercruzamento de neandertais nativos da Península Ibérica com humanos modernos que migraram para a região por volta de 30.000 a.p. Como essa criança viveu alguns milênios depois da data em que se imagina que os neandertais tenham desaparecido da Europa, sua anatomia reflete com toda a probabilidade a miscigenação contínua entre as duas populações, ocorrida numa época anterior, quando ambas coexistiram em Portugal — e não o acasalamento fortuito entre um neandertal e um humano moderno.

* * *

Taxonomia à parte, em termos comportamentais os neandertais têm sido retratados como incapazes de caçar e de efetuar planejamento a longo prazo. Contudo, vários estudiosos desde há muito questionam essa concepção dos neandertais como criaturas incapazes de sobreviver um único inverno, quanto mais durante 250.000 anos nos piores ambientes em que os humanos já viveram.

Análises de restos de animais en-

contrados em cavernas da Croácia indicam que os neandertais eram caçadores habilidosos, capazes de abater animais de grande porte, como os rinocerontes lanudos, graças ao emprego de sofisticadas lanças com pontas de pedra. Além disso, sabe-se hoje que as estratégias de sobrevivência neandertais variavam amplamente conforme o habitat ocupado e a mudança das estações. Estas descobertas refutaram a noção de que os neandertais pereceram porque não conseguiram se adaptar.

A hipótese de que os neandertais tenham sido adeptos de práticas culturais até então assumidas como exclusivas da humanidade moderna passou a ser levada mais a sério após a descoberta de jazidas fósseis neandertais num abrigo rochoso em Charente-Maritime, França, onde foram encontradas ferramentas líticas associadas à tradição cultural Chatelperroniana, que era considerada atributo exclusivo dos humanos modernos.

Alguns cientistas chegaram a aventar a tese de que os neandertais teriam adquirido as ferramentas de fabricação Chatelperroniana quer através de furto (“Gatunos neandertais atacam outra vez!”, talvez pudéssemos ler no *Diário de Bedrock...*), quer coletando artefatos descartados por humanos modernos, ou ainda, comerciando tais utensílios com os mesmos. João Zilhão do Instituto Português de Arqueologia e Francesco d’Errico da Universidade de Bordeaux demoliram essa tese, argumentando que, embora superficialmente semelhantes às tradições culturais dos humanos modernos, os artefatos e ornamentos da cultura Chatelperroniana foram manufaturados com uma técnica de fabricação diferente e mais antiga.

* * *

Se os neandertais possuíam essencialmente as mesmas capacidades cognitivas dos humanos modernos, porque eles desapareceram?

A aplicação de métodos mais sofisticados de datação radioativa aos fósseis neandertais da caverna de Vindija indicaram que o desaparecimento dos

neandertais não se deu do dia para a noite. Estudos recentes mostraram que ainda havia neandertais vivendo na Europa por volta de 28.000 a.p., milênios após a chegada dos humanos modernos ao continente. Mesmo admitindo a tese das duas espécies distintas, a substituição dos neandertais pelos humanos modernos parece ter se dado de forma lenta e gradual.

Talvez os humanos modernos fossem um pouco mais inovadores e um pouco mais capazes de lidar com mudanças ambientais abruptas.

Talvez o neandertal tenha sido apenas a variedade glacial do *Homo sapiens*, e a humanidade moderna sua variedade tropical, por assim dizer. Se os neandertais foram apenas uma variedade de nossa própria espécie, tão capaz quanto as outras, os milênios de coexistência entre eles e os grupos de humanos modernos que ingressaram na Europa constituíram intervalo mais do que suficiente para possibilitar a fusão das duas variedades da humanidade. Fusão esta cuja evidência é constatada na anatomia mestiça de Lagar Velho 1. Se os dois grupos passaram milênios trocando genes, é provável que também tenham trocado conhecimentos e técnicas de fabricação de artefatos.

Se os neandertais desapareceram como população distinta, talvez isto não tenha se dado por causa da superioridade intelectual ou adaptativa dos humanos modernos, mas simplesmente pela superioridade numérica desses grupos. O intercruzamento por milênios a fio de uma população neandertalense pequena com uma outra, muito maior, de humanos modernos, acabou diluindo as características distintivas neandertais, até que elas finalmente desapareceram.

Notas :

1. Há uma corrente entre os citologistas que afirma que as mitocôndrias evoluíram a partir de bactérias simbiotes residentes no interior de eucariontes unicelulares muito maiores. Esta teoria ganhou aceitação unânime justamente quando a sua maior previsão foi comprovada : se as mitocôndrias foram originalmente bactérias abrigadas em eucariontes hospedeiros, devem ter DNA próprio, distinto do DNA desse hospedeiro.

Bibliografia :

Tattersall, Ian: "Once We Were Not Alone", *Scientific American*, Vol. 282, No. 1, January 2000.

Wong, Kate: "Ancestral Quandary — Neanderthals Not Our Ancestors? Not So Fast", *Scientific American*, Vol. 278, No. 1, January 1998.

Wong, Kate: "Who Were the Neanderthals?", *Scientific American*, Vol. 282, No. 4, April 00.



Dizem que uma foto revela mais sobre o fotógrafo do que sobre o fotografado em si, porém isto pode ser apenas uma conjectura. Já por este conto, não dá para esconder a origem gaucha da Simone, cujo gostoso fraseado regional nem uma estada na Espanha conseguiu diluir, nem o Editor ousou mexer.

Domingo de manhã, me dispus a navegar entre as bancas de antiguidade do Brique da Redenção, repletas de gente e quinquilharias. Eu buscava algo especial para o aniversário de Rodrigo, uma miniatura antiga de carro, talvez, ou aquele disco de 45 rotações que ele nunca conseguira para a sua coleção. O homem da minha vida merece, pensava eu, observando entediada os relógios velhos, botões e porta-retratos de metal.

Perto do meio dia, dei com aquele antigo modelo Minolta. O vendedor se desmanchou em detalhes: que tinha pertencido a um famoso fotógrafo porto-alegrense, que era uma máquina cheia de qualidades, que ainda funcionava com um filme de carrete simples. Eu entendo muito pouco de fotografia, mas queria impressionar Rodrigo. Comprei o objeto por, provavelmente, o dobro do que valia. Ou isso foi o que pensei a princípio.

Desconfiada com a conversa do vendedor e com medo de fazer fiasco, passei por uma loja de artigos turísticos e comprei um jornal e o filme indicado pelo vendedor. O homem havia me recomendado especificamente filmes coloridos, mas a banca só tinha um carrete preto e branco e dei de ombros. Que diferença faria?

Num bar, entre os goles de um cafezinho, observei a câmara criticamente. Era muito maior e mais pesada que a máquina que levava comigo nas férias. Bem, pensei, era só uma curiosidade. Não esperava que Rodrigo a usasse diariamente.

Depois do almoço, carreguei a máquina e voltei ao Brique onde tirei várias fotos. Lamentei que o homem que a vendera já tivesse ido embora, mas me contentei com o ambiente, a

Protásio Alves, a igreja.

Quando voltei ao prédio onde moro, observei que ainda tinha duas fotos por fazer e as bati no elevador e no hall de entrada do meu apartamento. Depois de guardar a máquina, abri uma cerveja e sentei para ler o jornal.

Nas páginas folhadas, as manchetes de sempre: assaltos, corrupção, um tédio. Saltei os classificados de automóveis e me detive nos recados pessoais. Me divertem, não posso evitar. Louro procura Loira. Gatinho, passa lá em casa, beijos, Lica. Morangos não são silvestres, Pepa. Quem será essa gente, meu Deus do Céu?

Segunda-feira de tarde, levei o filme para revelar. Me prometeram as fotos para dali duas horas, de modo que só fui buscá-las depois do trabalho. Estava tão insegura quanto ao resultado, que só fui abrir o envelope em casa, enquanto a televisão despejava seu tradicional coquetel de drogas, violência e emoções baratas. Ouvi que uma mulher havia sido estuprada no elevador do meu edifício, e que a polícia buscava o criminoso. Era a quarta vez que acontecia algo assim no meu bairro, em um mês e meio. Verifiquei duas vezes se a porta estava trancada e pensei em me mudar. Nenhum aluguel baixo justificava esse risco. Eu não conhecia a vítima, mas senti imediata compaixão por ela. E se fosse eu?

A primeira foto do maço me surpreendeu pela nitidez, aliada ao ar antigo que o preto-e-branco emprestavam à imagem. Era o retrato que eu havia tirado da igreja na esquina do Brique. Me admirei, porque havia conseguido encontrar ângulo desde o qual não se via as bancas de antiguidades. A foto seguinte me deixou intrigada.

Era a do ponto onde estivera o homem de quem comprara a máquina.

A imagem estava inclinada e em primeiro plano estava uma parte de meu próprio dedo, mas mais atrás, justo onde não deveria de haver ninguém, via-se uma banca. Um homem debruçava-se sobre um objeto que mostrava a uma pessoa meio oculta pelo dedo. Deixei-a de lado, pensando na estranheza dos ângulos nas fotografias: sem dúvida, tratava-se do vendedor instalado no espaço imediatamente ao lado daquele que fora ocupado pelo homem da Minolta. A imagem seguinte era a que tirara no hall do meu apartamento. Por um momento a segurei como quem não crê no que vê. Por um instante pensei em negar, aquela foto não era minha, o laboratório havia trocado o envelope. Mas olhando bem, aquele era o meu hall, aquele quadro na parede era o mesmo que eu podia ver desde onde estava sentada, e aquele homem fazendo amor com uma mulher cujo o rosto não se via, era Rodrigo.

Larguei a foto devagar, sem entender nada e peguei outra. Era a que tinha tirado no elevador, retratando a mim mesma no espelho. Soltei-a de imediato e o papel caiu com a imagem voltada para cima, ao lado da TV onde se via o rosto marcado da vítima do estupro anunciado. No retrato, ao reflexo do meu corpo se somavam outros dois. A mulher da TV, com o rosto virado, cheio de medo e asco, e um homem que a segurava pelo pescoço enquanto a violentava.

Rodrigo.

Ouvi um movimento no corredor do meu andar e saltei, assustada.

A imagem ainda estava ao lado da TV e eu não sabia o que fazer. Corri para buscar uma lupa e analisei, ansiosa, o retrato da igreja. Claro que não havia Brique. O carro parado na esquina devia datar dos anos sessenta e a iluminação da Protásio não era nem parecida com as modernas luminárias de halógeno. Com um tremor nas mãos, examinei a segunda fotografia. Sim, de fato era a banca do Brique na qual havia comprado a máquina e o homem, aumentado pela lente, era o mesmo que me atendera poucas horas antes do retrato ser tirado.

Com o coração aos saltos, observei o pouco perfil que escapulia do dedo gigantesco.

Era eu.

Reclinei-me sem ousar encarar a mulher estuprada no elevador. Pensei em nada durante alguns minutos. Pensei em tudo. Voltei-me para a foto que tirara no hall de entrada. Não era preciso usar a lente. Reconheci de imediato minha blusa, a saia levantada, o sapato. A pulseira da mulher da fotografia tilintava alegre no meu próprio pulso. Como era possível? O relógio bateu oito horas e eu estremei. Lentamente, abaixei-me e recolhi o retrato do elevador. O que fazer, meu Deus? Ir à polícia? Mostrar a foto e dizer, "achei o estuprador. É o homem da minha vida"? Sentei devagar, ouvindo o delegado: "e essa foto, madame? A senhora tirou durante a violência? A senhora é cúmplice?"

Às nove, a campainha tocou. Abri a porta, banho tomado, vestido novo, a bolsa pequena debaixo do braço.

-Como é que você entrou no edifício? - me admirei, mas não muito.

-Ah- fez Rodrigo, com tranqüilidade, -você sabe, a Dona Cleotilde " ia mesmo levar o lixo".

-Velha fofqueira!

Rimos.

-Vamos indo? - êle perguntou, oferecendo o braço. Se debruçou

sobre mim e sussurrou :

-Você está muito sexi hoje. Eu devia fazer aniversário todos os dias.

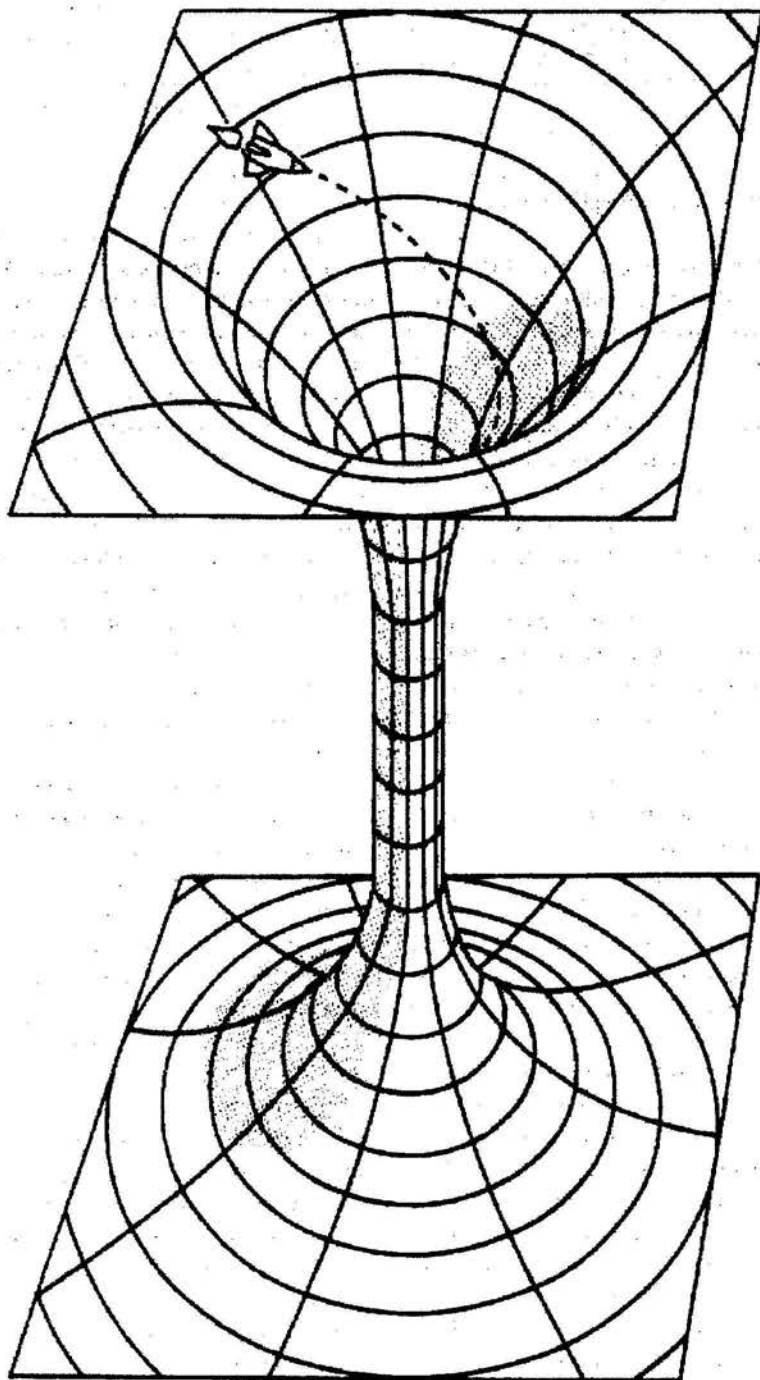
Eu assenti. Sorrimos. Me virei para fechar a porta e ele espiou sobre meu ombro.

-Tem uma coisa fumegando ali no cinzeiro.

-Pode deixar, - me ouvi dizer.

A porta do elevador se abriu com um chiado desagradável.

-Eram só umas fotos antigas que eu queimei antes de você chegar.



Eu presumo, ou espero, que este conto cause um certo "frisson" (arrepio, para os puristas da língua) em certas rodas, para as quais a noção que permeia o conto de um Brasil que "deu certo", mesmo que só como HA ficcional, já é motivo de sarcasmo e indignação, como se isso fosse algo tão impossível quanto a proverbial quadratura do círculo.

Uma objeção mais pertinente seria que o triste rumo que tomou o Brasil não teria sido revertido apenas pela eventual mudança de um só evento isolado, na visão certamente fundamentada de que a pobreza e o subdesenvolvimento são na verdade o resultado inexorável de longos, complexos e pervertidos processos econômicos e sociais.

Pouco importa. O objetivo de toda ficção de HA é de nos fazer pensar no processo histórico em si e portanto, mesmo que se discorde dos desdobramentos propostos, é sempre interessante especular sobre o que teria acontecido caso o então Presidente Jânio Quadros tivesse tomado umas biritas a mais (ou a menos, nunca se saberá!) e tivesse realmente levado adiante a sua idéia maluca de invadir a Guiana Francesa, com resultados talvez bem diversos dos apresentados aqui.

BAIKONUR, UNIÃO SOVIÉTICA, 1989

Roseane Junneau era uma morena de cativantes olhos escuros, mas no momento eu não estava disposto a apreciar sua beleza. A semana havia sido uma maratona de entrevistas junto à imprensa soviética, e a última coisa que eu queria então era a atenção da mídia francesa. E Junneau era conhecida como a jornalista de TV com a maior audiência na França.

Além de mim e de madame Junneau, na sala de conferências estavam Su Lai, a médica vietnamita, Ilich Bukarov, o oficial russo de Relações Públicas, e Jean, o cinegrafista de Junneau.

— Como os russos o receberam, senhor Paulo Bianchi? — a jornalista me perguntou.

— Muito bem. Parece-me que todo cidadão russo é um fã do futebol brasileiro, e a maioria deles vai a extremos para me contar.

Bukarov e Su Lai riram brevemente com isso.

— É engraçado, mas quando pensamos no Brasil, pensamos em futebol mas também em pessoas negras ou de pele escura, e não em um atraente homem loiro e de olhos azuis, como você — Junneau comentou.

Eu me mexi desconfortavelmente na poltrona, e disse:

— Isso é um estereótipo, claro. Mas temos gente de toda parte, de todas cores, no Brasil. Meus avós vieram da Itália e de Portugal.

—Um outro pensamento que causa estranheza é a idéia dos brasileiros ajudarem os russos em sua Base Lunar — Junneau disse. — Qual será exatamente a sua missão lá?

— Estamos envolvidos no projeto desde que 1986, eu acho. Não há nada aí para causar estranheza. Ajudamos o programa espacial soviético com sistemas de computadores e com as cúpulas ambientais da Base Lunar.

— Brasileiros e russos são aliados desde que Brasil invadiu as Guianas em 1962, não é?

Eu esperava que algo nesse sentido viesse à tona.

— Não realmente — respondi. — Levou alguns anos para estabelecer um relacionamento. Desde então, é claro, Brasil e a Liga Sul Americana tornaram-se os maiores parceiros econômicos da União Soviética ...

— Em troca de ajuda militar — ela me interrompeu.

— Não apenas — eu disse, ainda desconfortável. — Também trocamos tecnologia. De qualquer modo, não somos um "satélite" russo, se é isso o que quer dizer. Somos parceiros, e, devo lembrá-la, o Brasil não é uma nação comunista, tanto quanto as outras nações da Liga Sul Americana, que compartilham do nosso relacionamento com os soviéticos. Não somos estritamente alinhados.

Esse era o ponto fraco na reunião que Bukarov permitira, com a jorna-

lista francesa — Brasil e França eram inimigos desde a invasão brasileira da Guiana Francesa em '62, graças ao um ato estúpido do nosso então presidente, Jânio Quadros. Mas tínhamos que lidar com as conseqüências desde então — a guerra de atrito nas selvas da Amazônia, e o perene bloqueio econômico imposto pela aliança francesa-inglesa-americana, que nos forçou a oferecer uma parceria aos russos.

— Não estamos aqui para discutir política — Bukarov cortou.

— É verdade — Su Lai disse. — E a Base Lunar é um grande experimento científico que está aberto a toda a humanidade.

— É claro — Bukarov prosseguiu. — Tanto que a sua presença aqui hoje, madame Junneau, tem o propósito de permitir que o povo francês saiba mais sobre a Base Lunar Vladimir Iliushin e a Ponte Espacial Terra-Lua, já que estamos preparando a primeira missão lunar russo-francesa para o próximo ano.

— Sim — Junneau concedeu, olhando o russo bem nos olhos. — Todavia muitos analistas dizem que foi a questão das Guianas na América do Sul que distraiu os americanos o bastante para que vocês vencessem a corrida à Lua em 1972, e — indicou Su Lai — para que o Vietnã comunista ficasse livre da intervenção militar americana.

Além disso, a economia soviética certamente ganhou muito com a parceria brasileira. Ao que parece, o papel político do Brasil têm ajudado muito o programa espacial soviético, sem falar na expansão do comunismo no mundo. — Voltou-se para mim.

— Não concorda?

Mas foi Bukarov quem respondeu.

— A ciência da União Soviética teria prevalecido em qualquer cenário.

Junneau ignorou o comentário e o meu silêncio, concentrando-se no seu caderno de notas.

— A Dra. Su Lai irá substituir um dos médicos agora estacionados na Lua, e o Sr. Bianchi fará uma visita à Base Lunar Soviética para estudar a expansão futura de escudos ambientais?

— Sim — respondi, grato por retornar a uma arena mais neutra. — Algumas instalações hidropônicas e áreas de lazer estão montadas sob cúpulas de um produto brasileiro, a substância Latexfilme. Ela é obtida de uma seringueira recém engendrada, e por meio de tratamentos químicos especiais. Protege as pessoas e os vegetais dos raios cósmicos e ultravioleta.

— É um grande avanço tecnológico — Bukarov anunciou —, que permitirá que os colonos lunares tenham alojamentos mais espaçosos, melhorando a qualidade de vida dos vinte e três cientistas e técnicos que vivem lá, e tudo feito de forma barata.

— Como?

— Por incrível que pareça, enviar esse material para a Lua e montá-lo em sua superfície sai mais barato do que cavar *habitats* subterrâneos, pelo menos dentro da atual disponibilidade de materiais e de energia, das instalações lunares. E há ainda o fator psicológico das cúpulas semi-transparentes que permitem que se aprecie o céu e o horizonte, minimizando o estresse do confinamento.

Eu me abstive de somar ao comentário o fato do Latexfilme vendido ao programa espacial soviético ser altamente subsidiado pelo governo brasileiro. O produto era um dos passaportes para a

presença do Brasil no espaço.

Nossa ciência era muito importante para a aventura espacial soviética nesse momento, mas havia mais sobre a minha viagem à Lua — a minha primeira — do que o meu trabalho com o Latexfilme.

Graças a Deus, Roseane Junneau não explorou mais dessa área. Eu realmente não estava gostando do seu olhar beligerante, quando ela perguntou sobre as Guianas. Fez algumas perguntas sobre a ciência médica vietnamita atual, e então me disse:

— Vocês perderam um satélite há alguns meses atrás, não é certo? Era uma nave de GPS e de sensoriamento da superfície. O que aconteceu?

Não me pegaria de guarda baixa.

— Um problema técnico, creio. Era o terceiro na série Brasil-Sat, e funcionou bem o bastante por cerca de dezoto meses. Nossa gente está trabalhando no problema agora mesmo. Poderemos ter uma missão do Buran ano que vem, para consertá-lo.

A perda do Brasil-Sat III fora um duro golpe em nosso esforço em controlar a região amazônica. As tropas em terra perderam o seu GPS e pontos cegos foram criados em nossa cobertura de vinte-e-quatro horas sobre a área — pontos cegos através dos quais o inimigo podia infiltrar tropas e veículos.

Junneau dirigia-se à médica vietnamita:

— Quando os russos pousaram na Lua em '72, eles disseram ao mundo que era um gesto em nome de toda a humanidade. O que pensa disso?

— Que é verdade — Su Lai disse. — A própria presença de uma vietnamita e um brasileiro numa missão patrocinada pela ciência soviética prova isso.

Junneau se voltou para mim.

— Senhor Bianchi? Você é um cosmonauta experiente. Concorde que observar a Terra da órbita faz com que se veja as coisas diferentemente, que se pense o planeta como uma irmandade envolvendo todos os seres humanos?

Percebi que ela falava com ironia. Contudo, pensei um pouco na questão. Eu estivera no espaço duas vezes antes. Tinha visto a bela Terra a par-

tir da órbita, sim. Mas havia qualquer verdade no argumento de uma identidade transnacional que poderia nascer da experiência de estar no espaço? Pensei na atitude da própria Junneau, na postura de relações públicas obviamente composta de Bukarov e Su Lai, na minha própria missão secreta. Para variar, decidi pela honestidade.

— Alguns pensam assim — eu disse. — Mas você não vê muitos cosmonautas ou astronautas por aí defendendo causas transnacionais. A maioria está feliz com seu papel de heróis junto aos seus países, além de servirem de material de propaganda para os seus governos. Como já lhe disse, o Brasil não é um país comunista. Nossa parceria com a União Soviética significa muito para nós, tanto quanto qualquer resultado comercial que possa advir da exploração espacial.

Junneau me olhou com surpresa em seu belo rosto. Compreendi então que a sua aparência me intimidava tanto quanto suas perguntas. Esperava que fosse explorar minha afirmativa, mas ela, ainda espantada, terminou perguntando o que o Brasil e o Vietnã teriam em comum.

Um pensamento estalou em minha mente: "Nós dois uma vez chutamos os franceses dos nossos territórios", mas guardei-o comigo, pois no fim das contas eu não tinha nada contra a França, em absoluto.

*

Três dias depois as duas mulheres, o cinegrafista de Junneau e eu subimos no ônibus espacial Buran e fomos lançados para a órbita, pelo propulsor Energya. Bukarov permaneceu em terra. A missão da nave era lançar dois pequenos satélites de comunicação, um chinês, o outro indiano. Mas também carregava no seu largo compartimento de carga a nave de suprimentos Zarya, com cinco passageiros a bordo — nós quatro indo para a Lua, um outro para a espacial estação Mir, em substituição a um cosmonauta que lá estava há oito meses.

Tive tempo de observar a Terra

através das minúsculas janelas da Zarya. Era bonita, inspiradora e nua de fronteiras. Mas éramos homens e mulheres vindos de diferentes abstrações chamadas países, ainda de algum modo enraizados em nossos lugares de origem como se fôssemos longas extensões umbidicais deles, sondando cegamente no espaço.

Na Mir, apanhamos a nave de transferência que fazia a rota Terra-Lua, uma versão expandida e modernizada do mesmo modelo do L-1 que havia transportado Aleksey Leonov por todo o caminho até a Lua, em 1972, para fincar lá a bandeira vermelha. Sete longos dias se passariam, no transporte de quatro pessoas até a posição do Elevador Orbital Lunar. Junneau não me confrontou mais. Agora ela tinha o piloto e a tripulação da nave para entrevistar, e me deixou em paz.

No segundo dia da viagem à Lua, quando eu sofria de enjoão de microgravidade (sempre enjoava no segundo dia no espaço), Su Lai veio em meu auxílio. Prescreveu-me um par de pílulas e uma conversa.

— Estava me perguntando — disse. — Você não respondeu à pergunta de Junneau sobre se a América do Sul distraiu os ianques o bastante para que os soviéticos vencessem a corrida espacial. É uma possibilidade que nunca me ocorreu.

Levei algum tempo para organizar meus pensamentos. Ainda estava um pouco grogue, já que as pílulas demoravam para funcionar.

Quando invadimos as Guianas e os argentinos tentaram recuperar as Ilhas Malvinas em 1962, o pessoal do governo acreditava que os americanos não interviriam. Mas Kennedy nunca aceitaria um país tão grande quanto o Brasil brincando de potência expansionista nas Américas. Ficou do lado dos ingleses, holandeses e franceses. Logo ele se tornaria tão obcecado com o Brasil quanto estivera com Cuba. Quando invadimos, ele já estava encrocado com a questão da Baía dos Porcos de 1961, e naquele mesmo 1962 houve a Crise dos Misseis em Cuba. Kennedy precisa-

va muito de uma grande vitória. Então, depois de lidar com a Crise dos Misseis, ele se voltou para o Brasil.

Os americanos, aliados aos ingleses e aos franceses, nos forçaram para fora das Guianas e os argentinos para fora das Malvinas. No processo, pegaram o máximo de território amazônico que puderam. Mas dois anos mais tarde houve um ataque em conjunto — brasileiro, venezuelano e boliviano — para retomar o terreno perdido. Kennedy percebeu que estava apenas reforçando a recém-formada Liga Sul Americana, e por isso ele e seus aliados desistiram da idéia de tomar mais territórios da Amazônia. Desde então, há um impasse lá, uma permanente guerra de guerrilha na selva, com os americanos, ingleses e franceses pagando aos guerrilheiros e mercenários para pilhar o nosso território e manter a nossa ousadia refreada. Mas Kennedy também pagou seu preço por não conquistar uma vitória definitiva. Não foi reeleito.

— Ele perdeu tanto prestígio — conclui — que teve de recuar no seu programa de conselheiros militares no sudoeste da Ásia e seus sonhos de pôr um americano na Lua por volta de 1970.

— Então, além de permitir que os soviéticos vencessem a Corrida Espacial — Su Lai disse —, vocês também ajudaram o Vietnã a se livrar dos militares americanos e a permanecer comunista. Vocês devem ser o povo mais corajoso do planeta.

Pisquei repetidamente, ainda me sentindo enjoado e com dificuldades para entender o que ela dizia. Estava sendo irônica?

— Mais provavelmente o mais burro do planeta — eu disse, assim mesmo. — Invadir as Guianas foi a coisa mais estúpida que jamais fizemos, arrumar briga com três potências mundiais ao mesmo tempo...

— Por que não desistiram, então? — ela perguntou.

Eu ri.

— Orgulho, acho. Orgulho e a pressão da história.

— O que quer dizer?

— Uma história de tentativas fra-

cassadas de tomar parte da Amazônia de nós. A tentativa francesa de fundar a République du Counari, que roubaria um terço da Amazônia brasileira, primeiro em 1895, então de novo em 1903. O ataque contra Macapá de 1895. Então o plano de povoar o Pará com refugiados de guerra europeus por volta de 1938. O Caso Christie... Todas as estratégias e ataques mirrados; nós vencemos todos. A Amazônia é nossa.

— Orgulho histórico — Su Lai murmurou, ausente. Falava com si própria, e eu sabia porquê.

— Assim como vocês — falei. — Antes dos franceses vocês derrotaram os japoneses, não foi?

Conforme eu falava, tentava antecipar para qual direção iriam os seus comentários. A tomada comunista do Vietnã não tinha sido uma ocorrência limpa. Como aconteceria ao Camboja poucos anos mais tarde, foi um banho de sangue, com todos aqueles campos de concentração para os dissidentes. É claro, isso deixou uma mancha no relacionamento do Brasil com o mundo comunista. Deveríamos ter expressado muito mais fortemente o nosso descontentamento com tais eventos. Mas não, não podíamos nos dar ao luxo de afetar o relacionamento com o parceiro maior.

Teria Su Lai perdido alguém, durante os expurgos no Vietnã?

— Mas com prazer eu desistiria da terra, se pudesse trazer meu pai de volta à vida — continuei, tornando-me confessional. Talvez conquistasse suas simpatias, se mostrasse que eu também havia sofrido uma perda. Não estava habituado a falar sobre isso, porém. — Ele era um soldado em 1974, quando foi morto em uma escaramuça ao norte do Rio Negro. A sua morte deve ter algum significado.

“Para o bem ou para o mal, a invasão brasileira das Guianas transformou a Liga Sul Americana no novo protagonista da ordem mundial. Uma terceira potência com a qual os americanos e os soviéticos têm de lidar.”

— Espero que esteja feliz como protagonista da ordem mundial — Su

Lai disse. Mal podia esconder o desdém de suas palavras. — Pensei que você estivesse livre do comprometimento político, ao contrário de mim e de Bukarov. Mas você é quem mais se orgulha de tudo isso.

Ela flutuou para longe, me deixando ali doente e de boca aberta.

Não conversamos outra vez, até a chegada à Lua.

*

Estava sem fôlego. A Lua finalmente pairava diante de nós, tocante em sua beleza de elevado albedo, mas também perturbadora — toda aquela superfície cinzenta e morta. E a Lua era oficialmente internacional, lembrei-me. Os soviéticos chegaram primeiro, mas os americanos também chegaram lá, em 1977. Nunca retornaram, porém, embora tivessem satélites em órbita, para, diziam, pesquisas científicas. Mas eu sabia que os russos sentiam-se espionados.

O Elevador Orbital Lunar tornava-se visível como uma corda de violão prateada, conforme nos aproximávamos da órbita da Lua. Cresceu para se tornar uma coluna enfiada na superfície. Tivemos que ficar de prontidão por algumas horas enquanto a carga era descarregada e posta em posição geoestacionária nas vizinhanças do EOL. Uma outra nave como a nossa se aprontava para embarcar os containers e partir para a Terra imediatamente. Usamos o tempo de espera para nos enfiarmos nos trajes espaciais, que continham oxigênio apenas para o passeio espacial da nave até o elevador. Uma vez no EOL, fomos conectados ao próprio sistema de suporte de vida do elevador. Isso era um serviço para cosmonautas — Su Lai fora bem treinada em Baikonur, mas madame Junneau e o seu cinegrafista tiveram que ser ajudados por um tripulante da nave que nos trouxe até ali.

Mais que a Base Lunar em si, o elevador era a maior realização tecnológica de todo o programa espacial soviético. Um complexo dispositivo de cabos, estendendo-se por toda a distância da superfície da Lua até a órbita geoestacionária, ou pelo cami-

nho inverso, na verdade. Era apenas realizável por causa da baixa gravidade da Lua e a distância mais curta entre a superfície e o ponto orbital. Nunca seria construído na Terra, onde custaria o orçamento inteiro de um país do Primeiro Mundo — ou mais.

Mal se percebia o aumento em G, conforme descíamos, seguindo as embalagens de Latexfilme que eu trouxera comigo. Houve um período perfunctório de aclimação, no qual passeamos de um lado a outro, lentamente, na superfície cinzenta já revirada, antes de finalmente embarcarmos no carro lunar que nos esperava. Alguns tombos foram registrados em filme, incluindo o de Junneau e o meu. Tripulantes soviéticos que vieram com o carro lunar levaram meus pacotes para dentro do compartimento de carga do veículo.

A Base Lunar Vladimir Iliushin era um complexo de velhos módulos de pouso unidos uns aos outros por tubos de Latexfilme. Não longe dali, num ponto isolado, estava parte do módulo de alunissagem de Iliushin. A unidade mais alta era a instalação automática de mineração que transformava a superfície lunar num tipo de concreto, misturando com água o solo aquecido. Escavadeiras lunares haviam cavado uma longa e larga trincheira, equipada com paredes de concreto para sustentar um reator nuclear convencional. Uma outra vala já tinha sido cavada para manter, um dia, o reator de hélio-3 que revolucionaria a produção de energia na Lua e na Terra. O gás era abundante na Lua, e produzia bem mais energia com menos poluição ou fadiga de materiais. Uma instalação de painéis solares para fins experimentais fora montada perto dali — eram feitos de solo lunar fundido, transformado numa espécie de fibra de vidro. Outra instalação do mesmo tamanho fora construída no Lado Oposto, para coletar as duas semanas de luz solar que eles tinham lá, quando o lado permanentemente voltado para a Terra passava por suas quinzenas de escuridão. Um prédio baixo de alojamentos também se erguia ali, encimado por te-

lescópios controlados à distância, que, livres de qualquer atmosfera palpável, estavam revolucionando o modo como as pessoas viam o universo. Percebi que os *habitats* principais foram aumentados por cúpulas de Latexfilme, e me senti excessivamente orgulhoso em vê-las ao vivo, e não só por fotos e vídeos.

Algumas dessas cúpulas seriam substituídas pela versão aperfeiçoada que entregávamos agora, por causa das esperadas explosões solares. 1989 era um ano de pico no ciclo de atividade que o Sol suportava, a cada onze anos.

Desembarcamos, entramos aos pares na eclusa de ar. Entrei com Junneau. Fui incapaz de afastar meus olhos do seu corpo, oculto apenas pela roupa de baixo, enquanto ela se livrava do traje espacial.

— Seria mais cavalheiresco se você não olhasse, senhor Bianchi — ela censurou, virando-se de costas para mim e me mostrando que se daria bem em uma praia brasileira. Ela apanhou o macacão que os soviéticos nos haviam fornecido.

— Lamento — repliquei. Mas não lamentava realmente.

— Não é bom que tenhamos estabelecido um atrito entre nós, desde o começo — ela disse, surpreendendo-me. — Como profissionais, devíamos ser capazes de ficar acima dessas coisas.

Então ela se virou e me ofereceu uma bela mas breve visão da linha do seu busto, ao subir o zíper do macacão.

— Concordo — falei, um bocadinho rouco.

— Você vem me visitar, quando tiver tempo? — perguntou. — Podemos tentar consertar isso. Com uma outra entrevista, quero dizer.

— Uma oportunidade que não quero perder — prometi.

*

Meus alojamentos eram partilhados por três técnicos soviéticos, Daro Kirchchov, Ulrich Riedell, da Alemanha Oriental, e Serguei Dangulov. Kirchchov era um especialista em Latexfilme, agora trabalhando como

guia turístico, mostrando-me as instalações.

Três dias mais tarde, quando eu terminava a primeira bateria de testes com o novo Latexfilme, provando as suas capacidades como filtro infravermelho, Junneau e eu marcamos uma entrevista. Como VIP, tinha um quarto só para ela. Fiquei surpreso ao chegar lá e ver que ela estava sozinha — nada de cinegrafista, só um gravador.

— Esta será apenas uma pré-entrevista — ela explicou. — Jean, meu cinegrafista, está ocupado gravando lá fora, e eu pensei que poderíamos tentar suavizar aquele nosso primeira contato.

Perguntei-me se ela empregava o duplo sentido intencionalmente ou não. Com certeza estava acostumada a obter as coisas do seu jeito, usando o charme.

— Tudo bem. Nunca aconteceu.

— Mas estou falando sério — insistiu ela. — Forcei um pouco na primeira entrevista, porque o conflito na América do Sul é assunto favorito dos leitores franceses. Eu provavelmente não deveria, mas tinha ordens do meu editor. — Sorriu. — Mas você nos deu uma manchete ainda melhor.

— Como assim? — Senti uma súbita preocupação.

— Você não viu os *fac-similes* vindos da Terra? Sua declaração sobre os cosmonautas sendo usados como material de propaganda apareceu em oito jornais franceses, na imprensa televisiva e impressa de quinze ou mais países europeus, em toda a América do Sul e nos Estados Unidos. Acho que apenas os russos não a publicaram. A imprensa sul americana deu ênfase à independência da sua declaração, claro. Os *fac-similes* chegaram anteontem...

— Não, não os vi — balbuciei, silenciosamente me perguntando o que Francisco Castro, meu chefe no INPE, diria sobre a minha fala que corra o mundo.

Então conversamos sobre como eu vivia em São Paulo e como ela vivia em Paris. Quando ela acionou o gravador, falávamos sobre como havia-

mos testado o último Latexfilme na Patagônia e Antártica, lugares sob os buracos na camada de ozônio. Roseane programou a verdadeira entrevista para o dia seguinte, e sai do quarto dela com seu sorriso firmemente impresso em minha mente.

Mas quando cheguei ao meu catre, descobri que o armário embutido na parede de concreto fora aberto. Minhas coisas ainda estavam em seus exatos lugares e o armário perfeitamente trancado como eu o havia deixado, mas eu fora bem treinado e ficou claro que alguém as tinha revirado. Sentei-me no catre, considerando minhas opções. Jean, o cinegrafista, por razões óbvias. Afinal, se eu era um agente secreto dentro da base lunar, nada impediria outros espões de estarem lá também. A única diferença seria que eu, como agente secreto ali, tinha o consentimento dos soviéticos. Dos soviéticos em terra e do pessoal no Lado Oposto, pois Mikail Manakov, o administrador da base, não sabia de nada. “Ah, Roseane, você quase me enganou, com seu charme”, disse a mim mesmo. Mas havia ainda Su Lai, a vietnamita triste e de aparência frágil, que provavelmente perdera alguém para os comunistas e tinha todas as boas razões para buscar vingança. Mas como saberiam a respeito do disco?

Apalpei o bolso da camisa, para senti-lo seguro ali. A pior hipótese era de que fosse alguém no Instituto Tecnológico de Aeronáutica no Brasil, ou... alguém em Baikonur. E eu não tinha nenhum contato na Lua, com quem partilhar as boas notícias.

Tornava tudo mais complicado. Em poucos dias eu simplesmente enviaria o disco com o resto do Latexfilme que seria montado na estação do Lado Oposto. Agora eu sabia que não poderia confiar em ninguém e que precisaria fazer a entrega pessoalmente.

Lentamente, desci do catre. Eu pressionaria os soviéticos para permitir que eu partisse para o próximo estágio dos procedimentos, adiantando o calendário. Talvez pudesse antecipar qualquer nova manobra do espão

que estava atrás de mim e do disco. Quem quer que ele ou ela fossem.

Mas foi Daro Kirchchov o meu primeiro problema. Como o homem no comando da manutenção dos domos de Latexfilme, não estava disposto a desistir de uma única medida de segurança. Tive de negociar com ele cada resultado dos testes feitos em Terra. Como convencê-lo a desistir dos testes que realizávamos atualmente, a fim de ir para o Lado Oposto? Eu apareci com uma boa desculpa.

— Iremos ao Lado Oposto e lá montaremos uma nova cúpula. Terá a mesma área de superfície da primeira que instalamos aqui. Então teremos um dispositivo de controle — disse a ele. — Todas as possíveis variações entre a que temos montada aqui e a outra serão medidas uma contra a outra e vamos ter então um a padrão duplamente aferido.

Mas Daro manteve-se inflexível.

— O quê? Não pode estar falando sério. Terei de dividir minha equipe, reprogramar nossa escala de trabalho... E as instalações do Lado Oposto são uma droga! E tudo isso para quê? Continuamos com os testes aqui, e então eu aplicarei os resultados sobre a nova cúpula do Lado Oposto mais tarde, quando você já estiver voando de volta para a Terra.

— Não estou tão ansioso para voltar à Terra — eu disse.

— Mas não vai fazer turismo lunar às minhas custas — ele respondeu, friamente. Uma frieza talvez excessiva. Perguntei-me se Kirchchov teria ouvido alguma coisa sobre a minha declaração. Os soviéticos certamente não a teriam apreciado. — Além do que, onde estão os protocolos para esse tipo de aferição dupla que você está propondo?

— Eu os terei obtido do INPE, quando estivermos chegando ao Lado Oposto — asseverei. — Mas ouça. Seremos atingidos por uma explosão solar cedo ou tarde. É uma oportunidade única de fazer algo nunca feito antes. Todos esses testes já foram feitos na Antártica, e tudo o que temos de fazer aqui é confirmá-los. Quando eu publicar meu trabalho sobre eles,

isso não causará impacto algum junto à comunidade científica. Mas o que estou propondo é uma perspectiva nova e sob circunstâncias extremas, que pode produzir novos dados, compreende? — Eu fazia o papel do cientista ansioso por reconhecimento, buscando um feito científico.

— Vocês brasileiros realmente adoram improvisar, não é? — Daro disse, balançando a cabeça. — Eu não favoreço projetos improvisados, porém. — Ele hesitou. — Mas se você conseguir uma luz verde do seu chefe no Brasil, eu farei o que pede, pelo bem do bom relacionamento científico entre os nossos países.

Ele então fez uma pausa, antes de me dar as costas.

— Ah. E vou dividir com você os créditos por qualquer publicação que surja dessa sua idéia.

— Mais do que justo — eu disse, sorrindo.

*

Sonhei que estava na superfície da Lua vestindo um traje espacial, e, saído da Terra que pairava acima do curto horizonte lunar, meu pai veio caminhando. Vestia uniforme camuflado e tinha um fuzil. Seus pés não deixavam pegadas na poeira da Lua, e a cada passo dado ele soltava uma folha verde ou um graveto que puxava do seu uniforme. As folhas flutuavam e nunca alcançavam o solo. “Morri por um sonho verde”, ele disse. “Nada mais.”

*

A mensagem que troquei com Chico Castro, no INPE, não foi livre de drama. Primeiro ele bronqueou comigo por causa da minha declaração reproduzida por Junneau. “Não sabe o que os russos têm me dito, depois que você abriu a boca”, disse. Depois me olhou intrigado, no vídeo, quando pedi-lhe que preparasse os novos protocolos para a experimento comparativo que eu havia bolado. Tive de piscar para ele, deixando claro que não era um capricho, mas algo relacionado com minha verdadeira razão de estar na Lua. O pessoal no INPE trabalhou rápido. Em quarenta e oito horas eu tinha os dados que pre-

cisava, para convencer Kirchchov.

Enquanto isso, ainda tentava localizar o meu espião.

Tive uma segunda chance de falar com Su Lai durante o *check-up* que tínhamos que suportar, antes de partir para a estação do Lado Oposto.

— Quem você perdeu, durante a sublevação no Vietnã? — perguntei, sem rodeios.

Ela atava eletrodos em meu peito, em preparação para os exames cardiovasculares.

— Meu irmão mais velho — disse. — Morreu de fome em um campo de concentração. Eles nunca nos deixaram vê-lo, trazer comida, os livros que ele amava tanto.

— Lamento — eu disse.

Ela levantou os olhos para me encarar.

— Mas entenda que não estou reclamando do meu país. Aqueles foram tempos difíceis. Agora que as coisas estão mais estáveis, percebo o quão positivo o regime é. Você vê, eu nunca teria chegado até aqui, não fosse pelas oportunidades que ele abriu para o povo.

Não consegui evitar o riso, ao me lembrar do que ela me dissera, dias atrás.

— Não precisa medir suas palavras comigo, Su. Temos liberdade de expressão no Brasil, e nosso hábito mais popular é criticar o governo. — E acrescentei: — Nem o meu nem o seu governo é perfeito, e você provavelmente deveria dar mais crédito aos seus próprios esforços, do que ao regime, por estar aqui.

Ela apenas anuiu e conseguiu dar um tímido sorriso.

— Bem, cale a boca agora e suba na esteira, Sr. Bianchi. Vamos ver o que a baixa gravidade lunar fez ao seu corpo, durante as últimas duas semanas.

*

Tive tempo para conhecer Su Lai melhor, durante os dois outros dias que precederam a nossa viagem ao Lado Oposto. Uma mulher agradável de se conviver, quando o assunto da conversa não era o passado do Vietnã. Também tive a chance de me abrir um

pouco mais e conhecer melhor Roseane Junneau, que se revelou como uma mulher profundamente interessada nas culturas não-européias, questionando-me sobre os hábitos e a situação dos nativo-brasileiros. Não havia modo de descobrir qual dos meus dois principais suspeitos seria o verdadeiro — as suspeitas diminuíam na mesma taxa com que minha admiração por ambas as mulheres crescia.

As coisas se complicaram mais quando os pacotes lacrados com a carga de Latexfilme para a base do Lado Oposto foram violados. Nada realmente ostensivo, mas eu podia claramente ver que tinham sido vasculhados. Mais uma vez, alguém procurava pelo disco.

Eu estava contra a parede. Se contasse a Manakov que os pacotes foram violados ele entenderia que algo estranho estava acontecendo, e poderia simplesmente interromper tudo e começar uma investigação que atrapalharia a minha tarefa. Escolhi deixar o problema comigo apenas.

Qual seria a próxima ação do meu inimigo desconhecido? As opções dela ou dele estavam se estreitando. A esta altura ele ou ela estaria certo de que eu não tinha o disco escondido, mas em meu poder. Haveria um movimento contra mim?

A única coisa que podia fazer era manter os dois olhos abertos e continuar com o meu improvisado plano.

Dois dias se passaram e nós nos aprontamos para embarcar para a estação do Lado Oposto, quando eu soube que tanto Su Lai quanto Roseane Junneau também estariam nessa viagem.

Senti-me encurralado, mas não podia desistir agora.

*

O local de pouso da nave que colocou as pegadas de Aleksey Leonov na Lua distava uns dois quilômetros da base. O carro lunar pilotado por Daro Kirchchov parou a quinhentos metros do local, para que pudéssemos vê-lo com um par de binóculos. Forcei-me a permanecer frio e apreciar a vista. “Turismo lunar”, Kirchchov me

havia dito, dias atrás... Não havia muito o que ver. Apenas o trem de pouso e a bandeira vermelha em pé. Eu podia ver a trilha das pegadas do cara que, na ponta dos pés, fora até o local para endireitar a bandeira — ela tinha sido derrubada quando Leonov decolou de volta à órbita, para se acoplar ao lunar orbitador L-1. Senti uma onda de admiração por Leonov. Ele teve de se transferir do L-1 para o módulo de pouso L-3, por meio de uma arriscada atividade extra-veicular, e então operar a nave sozinho por todo o caminho até a superfície. E também esteve sozinho na Lua o tempo todo. Ele fez sozinho a primeira caminhada lunar. Plantou a bandeira, fotografou suas próprias pegadas, apanhou um punhado de solo e deixou a fina poeira escorrer silenciosamente por entre os dedos, no lento movimento demandado pela gravidade mais baixa. Viu a Terra se erguer acima do horizonte lunar. Sozinho.

Perto de onde estávamos eu podia ver as marcas confusas de centenas de passagens de carro lunar que haviam cavado a camada superficial do solo, deformando as suas suaves formas originais para sempre. Um único conjunto de pegadas num ponto desolado fornecia material para a história e a poesia, mas um aglomerado deles levando de um lugar na Lua para a sua antípoda redundava em um senso de intrusão, de desrespeito. "O que estou fazendo aqui?" pensei.

Passei os binóculos para Su Lai e me descansei contra o assento. Vestir os sapatos de Leonov fez com que eu me sentisse tão solitário quanto ele devia ter se sentido. Não havia ninguém para me apoiar aqui, e eu podia sentir a tensão se empilhar contra a minha nuca e dentro do meu peito. Lembrei-me do sonho com meu pai. Iria eu morrer por um sonho cinza? Algo aconteceria em breve, sim.

Mas o quê?

Não havia espaço suficiente no carro lunar, e por isso o cinegrafista de Junneau — que aproveitava a oportunidade para gravar entrevistas com o pessoal do Lado Oposto — havia ficado para trás. Su Lai ia atender a

um cara com a problemas circulatórios, justamente a sua área de especialização. Daro Kirchchov era o piloto.

O disco *laser* estava no bolso do meu peito, me fazendo suar.

Como encarregado, Kirchchov havia escolhido o dia da viagem e confirmado Junneau e Su Lai como passageiros — mas não sem protestos. A idéia de ter as mulheres na viagem viera de Manakov. Ele obviamente não estava ciente das minhas suspeitas quanto às duas mulheres. Daro simplesmente não se importava com elas. Como havia dito, não gostava de bancar o guia turístico.

Parecia que minha idéia do trabalho havia calado fundo nele, pois Kirchchov escolhera um momento particularmente estranho para a viagem. Os observatórios haviam registrado atividade solar inesperada. Até mesmo Manakov expressara dúvidas quanto a sua ousadia, mas o carro lunar era bem protegido e nós todos estávamos dispostos — cada um, supondo, com suas próprias razões.

O veículo retomou sua rota. A paisagem lunar ao nosso redor era toda composta de crateras e suaves colinas baixas — e a alongada faixa de marcas de roda estendendo-se para o horizonte. Kirchchov concentrava-se diante do manche, enquanto Junneau fazia as vezes de cinegrafista e Su Lai lia um trabalho científico, uma caneta especial presa atrás da orelha direita.

Estávamos a caminho há três horas, quando Kirchchov anunciou que a explosão solar lhe causava problemas.

— O rádio não funciona — disse. — Interferência. Mas tudo bem. Não precisamos dele para chegar ao destino.

— Isso está dentro dos parâmetros de segurança? — Junneau perguntou.

— Às vezes o equipamento eletrônico falha, nesse tipo de condição. Mas os escudos de radiação vão nos manter seguros, não se preocupe.

Meia hora mais tarde eram os comandos eletrônicos da direção do car-

ro lunar que entravam em pane.

*

A cicatriz de poeira revolvida na superfície lunar passava próxima de uma não-tão-grande mas profunda cratera de meteoro. O carro derivou para longe da trilha, enquanto Kirchchov lutava para mantê-lo direito. Ele cambaleou na direção da cratera, lentamente subindo a crista de rocha da sua beirada, e parou ali, uma roda balançando sobre as profundezas escuras abaixo, quando Kirchchov finalmente conseguiu desligar os sistemas de propulsão do veículo. Lembrou-me de ter enxugado o suor da testa.

— O que vamos fazer agora? — Roseane perguntou, sua voz revelando o medo. — Nem temos o rádio para pedir ajuda.

— Estamos seguros aqui — Kirchchov disse, friamente. — O camarada Bianchi e eu sairemos para soltar a roda, e então tentarei reparar o rádio e o comando de pilotagem.

— Não faz mais sentido tentar consertar o rádio primeiro? Assim você teria ajuda para soltar a roda. E se saírem, estarão expostos à radiação ionizada da explosão solar — a médica Su Lai nos alertou.

— Será por um minuto apenas — Kirchchov disse, ignorando-a.

Então, Kirchchov e eu nos vestimos com dois trajes espaciais leves de uso geral que faziam parte do equipamento do carro, e nos metemos na minúscula eclusa de ar, para sairmos.

Se estivéssemos na Terra, teria sido impossível para dois homens mover o veículo de seis rodas, mas na Lua ele tinha apenas uma fração do seu peso real. Tudo o que tínhamos de fazer era pôr algum esforço contínuo para mover a sua considerável massa, e a roda seria solta. Por sorte, a pesada carga de Latexfilme fora remetida por comboio, um dia antes.

Kirchchov gesticulou, mostrando-me o que fazer. Pus um joelho na superfície poeirenta e agarrei a barriga do carro lunar com ambas as mãos. Kirchchov empurrava de um outro ângulo, em pé bem ao meu lado.

Senti sua mão agarrar meu pesco-

ço e me empurrar contra o veículo. Meu capacete atingiu o metal.

Então ouvi o bater do capacete de Kirchchov contra o meu.

— O disco — ouvi. A vibração entre capacetes transportava o som de suas palavras, de um traje espacial ao outro.

Tentei me soltar, mas não consegui. Sua posição em pé lhe dava muito mais apoio para me manter pressionado contra o carro lunar, do que eu para forçá-lo para trás.

— O quê? — gemi.

— Não se faça de bobo. Eu quero o disco.

Então, o inimigo não era Su Lai nem Roseane Junneau. Era um russo. Mas eu pensava que estivessem do meu lado. Senti-me alarmado e aliviado ao mesmo tempo. Não era bom sentir suspeita contra as duas mulheres que eu aprendera a apreciar. E elas agora eram a minha única chance de virar a mesa contra Kirchchov — a menos que uma delas estivesse em conluio com ele. Bem, eu realmente não tinha escolha. Acionei o rádio do traje. Kirchchov não podia me ver apertar o botão. Pensei que a disfunção no rádio do veículo fora um teatro de Kirchchov para chegar até a mim. A explosão solar não afetaria as comunicações entre eu e as moças dentro do veículo.

— O quê quer? Por que está me atacando? — gritei.

— Dê-me o disco ou vou segurá-lo aqui até que não tenha mais nenhum ar — Kirchchov disse. — Você não conferiu, mas há apenas oito minutos de ar no seu traje. Eu garanti que fosse assim, Bianchi. Onde está o disco?

— No bolso interno do meu macacão — respondi. — O que vai fazer, me obrigar a despir-me do traje espacial e morrer aqui fora?

— Tudo o que eu quero é evitar que o disco chegue até os técnicos no Lado Oposto.

— Por que? — perguntei, compreendendo imediatamente o meu engano. As mulheres ouviriam tudo o que ele tinha a dizer.

— A sua independência é emba-

raçosa, Bianchi. Não estou falando apenas da estúpida declaração feita em Baikonur, mas da forma como vocês brasileiros se colocam diante da ajuda soviética, como não admitem a superioridade do sistema soviético, e colocam-se como iguais. Por isso não vamos deixar que o seu satélite seja substituído. Sua posição na Amazônia irá enfraquecer, e vocês terão de recorrer a nós, de implorar para que intervenhamos. O disco com os planos não vai chegar ao Lado Oposto.

E assim se foram as minhas chances de manter o segredo.

— Mas quem são “nós”? — perguntei. — Minha missão aqui conta com o apoio direto do Kremlin. Você é um traidor?

Kirchchov bateu meu capacete contra o carro lunar.

— Sou um patriota — sibilou. — Como eu, há muitos outros que se irritam com a sua petulância.

“Nós vamos ficar por aqui mais um pouco, até você sentir alguma falta de ar. Então eu vou levá-lo para dentro e, sem que as mulheres notem, você vai me entregar o disco e calar a boca. Vamos dar meia-volta por causa do ‘problema’ que enfrentamos, entendeu?”

— Sim — eu disse.

Ele me deixaria sair livre, sabendo que fazia parte de um grupo que contrariava as intenções do Kremlin? Imaginei que ele fosse o relator da KGB junto à base — havia um deles imiscuído em todas as atividades soviéticas —, e que seu relatório — de que eu perdera o disco ou algo assim — teria maior peso do que qualquer coisa que eu pudesse dizer. E eu não tinha ninguém para me apoiar.

O que fazer?... Se conseguisse agarrar uma das suas pernas eu poderia derrubá-lo e voltar para dentro, antes de esgotar o oxigênio.

O carro lunar moveu-se abruptamente e nós dois caímos de cabeça, imprimindo a forma de homens lutando, na superfície da Lua, para sempre.

*

— Ele mentiu — Su Lai me contou, assim que entramos e nos livra-

mos dos trajes empoeirados. Su Lai sentava-se no assento do piloto. Ainda tinha a caneta presa na orelha. — Não há problema algum com os sistemas de pilotagem. Ele os tinha desligado.

— Por quê? — Junneau perguntou.

— Caladas vocês duas! — Kirchchov berrou. Podia ver no rosto dele que estava pensando em alguma coisa, avaliando a sua situação, olhando com olhos semicerrados para mim e em seguida para as mulheres.

— Não faça nada de que se arrependa, Kirchchov — falei, tentando me antecipar a ele. — Deixe as moças em paz. O problema é entre eu e você.

— Mas eu quero saber o que está acontecendo — Junneau disse, gelando o meu sangue.

— Eu também — Su Lai ecoou.

A atitude delas forçava Kirchchov a agir. Ele se atirou contra a vietnamita, para retomar os controles do carro. Não sei o que pretendia, e não tive tempo de agir, enquanto ele fechava as mãos na garganta da mulher.

Mas Su Lai não se abalou. Ela puxou a caneta da orelha direita e apunhalou o russo com ela, uma única vez, no pescoço. Eu já tinha meus braços envolvendo o peito de Kirchchov, para arrancá-lo de cima de Su Lai, e só então vi que não era a caneta que ela tinha na mão, mas uma fina seringa hipodérmica. Kirchchov amoleceu subitamente e não ofereceu resistência, enquanto eu o puxava.

Su Lai conferiu seus sinais vitais, e nós o acomodamos em um dos assentos.

— Su Lai teve tempo de preparar um sedativo, depois que você ligou o rádio e ouvimos o que estavam brigando lá fora — Roseane explicou, diante da minha evidente confusão.

— Ainda queremos saber o que foi tudo isto — Su Lai disse, voltando-se para mim.

Diante do olhar insistente das duas, capitulei. Eu precisava delas. Simplesmente não podia mais sustentar a farsa sozinho. Contei-lhes que

na estação do Lado Oposto havia uma pequena fábrica de satélites, de onde são lançados da superfície da Lua sem que sejam detectados pela vigilância americana. Havia uma catapulta hidráulica camuflada no fundo de uma cratera. Os satélites eram lançados sem nenhum tipo de detonação — que os denunciaria à vigilância — e colocados em órbita. Aos poucos eles se afastavam, quando os satélites americanos não estavam por perto, faziam o *rendezvous* com um orbitador disfarçado de módulo descartado, e ali se reabasteciam e rumavam em seguida para a órbita da Terra. Era complicado, mas os soviéticos conseguiam colocar os seus satélites-espões em várias posições orbitais, usando esse estratagema.

— Seu satélite não foi perdido por falha técnica — Roseane deduziu. — Foi derrubado por alguma arma anti-satélite americana ou coisa assim.

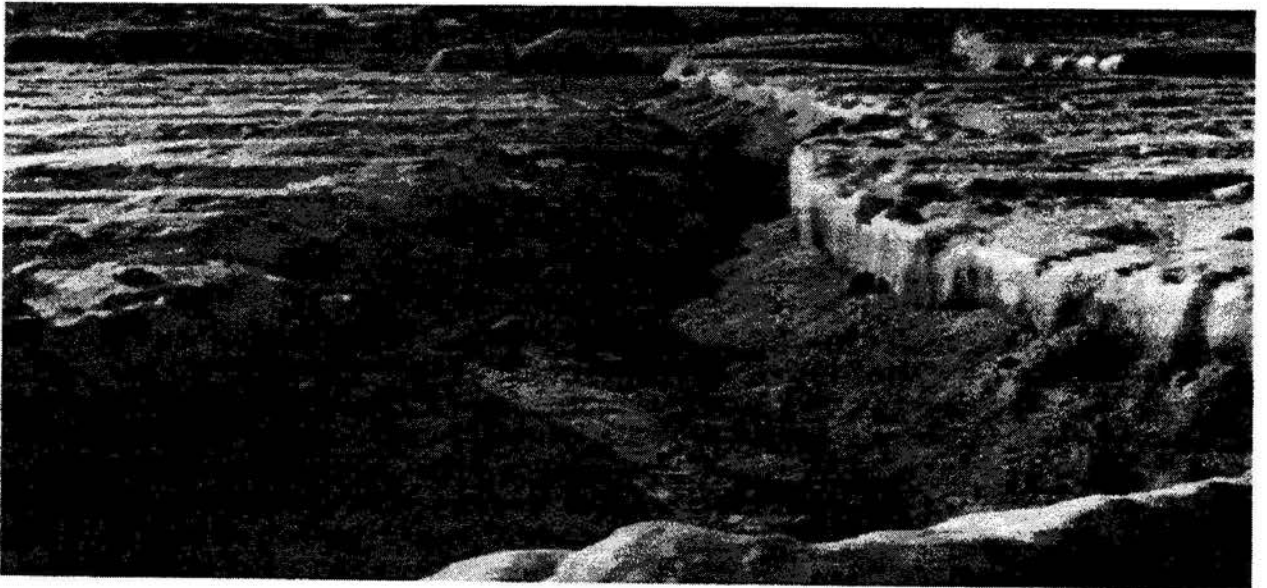
— Exato. — Roseane era uma mulher bem informada. — Há alguns anos que as superpotências se aproximam de uma guerra espacial, tendo os satélites-espões como alvo. A destruição do Brasil-Sat foi só um teste. Os americanos achavam que o dariamos como perdido por razões técnicas. Mas os soviéticos já haviam se antecipado, sabiam do ataque. Há anos tinham a estação do Lado Oposto funcionando para que seus satélites furtivos lançados da Lua escapassem do confronto. E nos ofereceram a chance de substituir nossa nave perdida. Mas nossos planos e códigos tinham de ser entregues em mãos, para garantir que ficassem em segredo.

— E é aí que você entra, como mensageiro — Su Lai disse.

Olhei para as duas, longamente. Su Lai me encarava com expressão severa. Eu sem dúvida a tinha desapontado. Lembrei-me de meu pai e imaginei o que ele pensaria de mim.

— Alguma chance disto tudo ficar só entre nós? — murmurei, a voz sumida.

As duas fizeram que não ao mesmo tempo.



Ao retornarmos à base, entregamos Kirchchov a Manakov. Dissemos que o russo batera a cabeça, quando nos chocamos contra a borda da cratera de meteoro. Uma desculpa para ganhar tempo. Roseane já havia rascunhado sua reportagem no carro lunar, e a remeteu antes que pudessem impedi-la.

Manakov não sabia das intenções de seu subordinado. Com o tempo, Daro perderia a sua posição na KGB. Lembro-me dele — com uma careta — sempre que penso na Sibéria.

Em sua reportagem, Junneau deu um jeito de comprometer todos os envolvidos. Os soviéticos, pelo lançamento furtivo de satélites-espões a partir do território supostamente neutro da Lua; os americanos por terem derrubado o Brasil-Sat, no primeiro ato conhecido de guerra espacial. E o meu país por confiar demais nos aliados comunistas. Não éramos tão independentes assim, afinal.

E foi assim que o que começara como uma tentativa de ter olhos vindos da Lua observando a Terra, resultou nos olhos da Terra voltando-se para a Lua. Um sonho cinzento, desviando a atenção do nosso sonho verde.

Ainda tínhamos buracos em nossa vigilância amazônica, mas lançaríamos um foguete no ano seguinte, desafiando os enfraquecidos americanos. Roseane ganhou todos os prêmios jornalísticos da França. Su Lai teve o prazer de ver os comunistas embaraçados. Elas me ligam de vez em quando, para ajudar com o meu livro. Preciso do dinheiro, agora que fui despedido.

Sempre tenho prazer em falar com elas, mas é um prazer ambíguo. Não sei se as amo ou se tenho medo delas. Não sei o que resultará de tudo, mas talvez seja melhor ter os conflitos expostos, as coisas às claras. A única certeza é de que estive errado desde o princípio.

Elas nunca foram minhas inimigas.

O ser ou não ser assume um significado adicionalmente ambíguo neste conto do Lúcio, de clima tão estranhado como o do próprio título. Ganha um doce virtual quem conseguir segui-lo até o fim, sem perder uma só das muitas citações e referências que o nosso Brian de Palma literário distribui com desenvoltura e proficiência.

Se encontrares a hora, eu procuro o lugar

JAMES JOYCE

Alquebrado. A tentação de pronunciar a palavra em voz alta, saboreando cada sílaba enquanto se dissipa no ar, é quase irresistível demais pra ser contida. A surpresa, um incompreensível deleite. O *stáriets* Zósima é um velho, alquebrado e doente. O corpo mirrado parece não saber o que fazer com tanto espaço na cadeira, as roupas que o envolvem encerram um universo e seus olhos penetrantes a custo mantêm-se abertos. São esses olhos que atravessam a distância da mesa, transpondo o abismo entre nós e abrindo caminho para sua voz desguarnecida mas firme. Ele me lê, percebo de repente. Responde ao que não falo, ecoa o que eu penso. *Não*, explica Zósima, *eu não quero uma recodificação. Não gosto de trapacear o destino, vou morrer quando chegar a minha hora.* Há uma certa altivez nas palavras, um certo desprezo pelos que são menos firmes, pelos que se entregam às trapaças cada vez mais perfeitas que a tecnologia cria com o objetivo de matar a morte. *Não se mata a morte*, o velho pronuncia com cuidado. *A morte é um parceiro confiável. Talvez o único que nos resta.* Não sei como expressar minhas dúvidas. É evidente que Zósima não vai sobreviver até o ano que vem, dois anos no máximo. Então, por quê? O *stáriets* dá uma gargalhada vigorosa, não se saberia de onde arranca forças. *É assim que você vê o poder?* ele me cospe na cara. *Como um capital, um investimento a longo prazo? Você acumula o poder pra que ele te renda juros, te*

proporcione lucros e dividendos? Desvio o olhar, inquieto, mas ele continua sem notar meu embaraço. *O poder não vale nada se não for um meio para o conhecimento supremo. Um instante de êxtase percorrendo o corpo. Consumindo a si mesmo. Me levando com ele.* Entendo, eu resmungo, mas é claro até pra mim que eu não entendo porra nenhuma. O *stáriets*, líder supremo da Ostraniene russa, me parece uma criatura recém-desembarcada de outro planeta, uma mentalidade alienígena que se conduz por padrões incompreensíveis para os humanos. Não é como os chefões da Cosa Nostra ou os oyabuns japoneses. Talvez só as Tríades chinesas se comparem em estranheza, mas eu nunca tratei com as Tríades. E se me perguntassem, também não ia procurar a máfia russa, não sei o que teria pra negociar com eles. Mas a iniciativa partiu de Zósima mesmo, não foi nem o segundo na hierarquia mas o próprio mentor espiritual da organização. Queria um encontro com um representante indicado pela Malta, em local e data a combinar posteriormente. Foi o que me trouxe a este restaurante de Amsterdam, deve ter tantos russos ao longo do canal quanto gente minha. Só precaução, claro. Ninguém jamais começou uma guerra de máfias na Zonalivre, existem certas leis não escritas que é preciso obedecer se quiser que o mundo continue a girar - e todo mundo quer, acho eu.

Depois de me deixar absorver o espanto proporcionado por sua velhice, o *stáriets* toma fôlego e

aborda o assunto que provocou nosso encontro. *Às dez horas GMT de ontem*, ele diz, *os homens da Malta invadiram um quartel da Zen Ai Kaigi e confiscaram uma tonelada de perrexil, cento e vinte oito rifles Mjöltnir com mira neural e quatro pastilhas de treze ponto dezessete giga.* Ele recita a lista e me encara, à espera de confirmação. Não digo nada, mas me pergunto que merda de exatidão é essa. Vendo no meu silêncio um assentimento, Zósima retoma a palavra. *A primeira dessas pastilhas estava marcada com um código que vocês não souberam decifrar, o holograma de uma matriz alfanumérica.* E daí? pergunto, ainda sem dizer sim ou não. *Essa pastilha é nossa. Foi roubada há quinze dias por um kuromaku. Nós matamos o quadrilheiro, mas ele já tinha passado o material adiante. Eu quero essa pastilha.* Alguma coisa errada, meu instinto começa a martelar. Ele está abrindo o jogo muito, muito fácil. Qual o valor dessa pastilha? O velho sorri. *Pra vocês, nenhum. Não pode ser convertida em dinheiro e a informação que ela contém, embora inestimável, permanece inútil sem a chave.* Ah, mas ele está enganado. Ela pode ser convertida em dinheiro, sim. Quanto vocês estão dispostos a pagar por ela? é a minha vez de sorrir. Mas o sorriso não dura muito. *Você sai vivo daqui e as conexões da Malta permanecem intactas.*

O que vem a seguir é vertiginoso demais pra ser descrito com coerência. A um sinal meu, nossa mesa está cercada de homens

armados. O *stáriets* Zósima não esboça qualquer reação aparente. Então, os soldados da Malta começam a estremecer violentamente, gritando as próprias entranhas. Lágrimas saem de seus olhos, um muco sanguíneo escorre pelas narinas. Esquecidos das armas, atiram-se ao chão, contorcendo-se de encontro à laje fria. Junto a suas bocas, forma-se uma poça escura de bile, um odor amargo ergue-se de seus corpos enquanto a carne desprende dos ossos e escorre por entre as mesas do restaurante vazio. *Ebola potenciado*, diz o *stáriets* Zósima quando o pesadelo chega ao fim. *Você foi imunizado. Mas existem outras versões.* Levanta com dificuldade. *Aguarde novas instruções.* E sem outra palavra, o simulacro do velho desvanece no ar úmido de Amsterdam.

2

A reunião dos chefes da Malta é um pandemônio descontraído, todo mundo fala e ninguém diz nada que preste. Na mesma hora em que o vírus consumia a minha escolta, três entroncamentos da Malta desapareceram da rede sem qualquer aviso. Os homens que mandamos investigar também não deram notícias. Finalmente, ficamos sabendo que microcápsulas nucleares tinham explodido os edifícios que suportavam os entroncamentos, a informação foi tatuada nos escalpos de nossos homens, dependurados junto às ruínas fumegantes. Não, o *stáriets* Zósima não está brincando. A Ostraniene pode realmente acabar com nossas conexões. Como eles reuniram tanto poder? É incompreensível. Ao longo das últimas décadas, a organização tem permanecido à margem dos negócios do mundo. Não se envolve com drogas, contrabando, prostituição. O único vínculo concreto com as atividades do submundo é a pirataria de dados e, mesmo assim, suas ações são totalmente idiossincráticas. Parecem se concentrar em programas de criptografia, mas não colocam seus serviços à venda, ninguém os contrata

para violar ou proteger sistemas. Mesmo assim, sua área de influência vai crescendo geometricamente, ela fagocita todas as outras máfias que surgiram com o esfacelamento do bloco socialista, sua hegemonia na Europa Central torna-se incontestável. Os rumores mais descontraídos começam a ventilar pela rede. O líder da Ostraniene, dizem, é um velho monge ortodoxo, com mais de trezentos anos de idade. Agentes da Ostraniene, dizem, foram vistos percorrendo os mosteiros da Europa, à caça desesperada de antigos manuscritos e grimórios medievais. A Ostraniene está mesmo, dizem, é no ramo da bruxaria. Mas microcápsulas nucleares não têm nada de mágico e a manipulação genética de víruses é uma operação bastante tecnológica. Talvez nós os tenhamos subestimado, penso. Como a Ostraniene não interferia em nossos negócios, perdemos nosso tempo guerreando uns contra os outros. Agora que estamos enfraquecidos e nossa sobrevivência mútua depende de um equilíbrio tanto mais frágil quanto compartilhado por todas as facções do crime dito organizado, ela entra em campo, arranca a máscara e se mostra como o verdadeiro inimigo. Nós não levamos o demônio a sério, repito para mim mesmo. Ouvíamos os boatos sobre a demanda do Santo Graal e gente que falava com os anjos, balançávamos a cabeça e ríamos dessas histórias cheias de som e fúria que os idiotas contavam, sem perceber que tudo isso era cortina de fumaça, o alibi do descrédito protegendo uma sociedade que se fortalecia cada vez mais. Agora já deve ser tarde.

Nós nos reunimos na cobertura do Martinelli, o burburinho abafado da av. Ipiranga desliza pelo ar em camadas de distorção. Somos sete à mesa, a elite da Malta. É um risco calculado. Uma explosão deixaria o grupo acéfalo, mas a situação é crítica demais pra arriscar uma teleconferência, não sabemos até onde a Ostraniene é capaz de monitorar o sinal da rede. As informações do velho Zósima demonstraram que ele

tem um canal de acesso aparentemente irrestrito. A discussão é tensa, tumultuada, mais de uma vez descamba para a agressão verbal. Estamos num impasse. O valor da pastilha roubada é evidentemente grande, seria burrice se desfazer dela sem obter nenhuma vantagem, mas estamos todos assustados com o poder de fogo que a Ostraniene demonstrou. A reunião dura doze difíceis horas, ao final das quais decidimos que, pelo sim pelo não, é melhor entregar a pastilha e salvar nossa pele. Eu contava com isso. Como fui eu que comecei as negociações com a Ostraniene, cabe a mim fazer o material chegar às mãos de Zósima. E eu vou fazer isso, assim que ele entrar com as instruções. Mas não vou dar o ouro ao bandido de graça.

Saio da reunião direto pros laboratórios da Ogdoade. É uma empresa de informática sob o meu controle, fachada para uma série de negócios dos quais nem todos são conhecidos pela Malta. Procuo meu homem de confiança, o único que eu sei com certeza que não vai me vender nem pros outros chefes nem pra ninguém.

- Grande Cipriano, que ventos o trazem? - saúda Ezequiel. É um sujeito gorducho, moreno, com cabelos encaracolados e pretos que, aos trinta e poucos anos, já começam a rarear. Eu lhe passo a pastilha e pergunto se ele pode fazer uma cópia com EPR. - Sem problema. - ele responde, confiante.

No dia seguinte, sua confiança transformou-se em irritação.

- Essa porrinha que você me deu tinha umas defesas que ninguém acredita. - ele reclama. - Até campo de incerteza, os caras colocaram.

- Conseguiu ou não? - retruco secamente. O Ezequiel é um bom sujeito, mas se ninguém cortar, é capaz de passar a tarde toda reclamando.

À minha pergunta, ele ensaia um ar de dignidade ofendida.

- Claro que eu consegui. - ele joga uma pastilha não muito diferente do original, eu agarro no ar feito

moeda de cara-e-coroa. - Tá, backup com conexão não-local. Só que ler o conteúdo, eu não consegui não.

- Tá certo, não foi só você. - devolvo a pastilha. - Monitora pra mim.

No mesmo dia, meu e-mail recebe notícias do *stáriets* Zósima.

3

Um mês se passa. De vez em quando, ligo pro Ezequiel e pergunto se tem novidades. Não preciso especificar sobre o quê, Ezequiel é um bom garoto. Mas invariavelmente responde que não. Começo a achar que estamos perdendo tempo, que apesar de todo seu poder a Ostraniene não passa de uma confraria maluca liderada por um velhinho excêntrico, que nada de bom pode vir de Nazaré. Até que um dia, vejo-me encarando Ezequiel na tela do monitor, com um ar sorridente.

- Carregaram a merda da pastilha? - pergunto.

- Põe o teu capacete. - ele responde, sem entrar em detalhes.

Obediente, visto o capacete virtual e imediatamente estou na periferia de um ambiente. O simulacro de Ezequiel está ao meu lado. O ícone do ambiente assemelha-se a uma droga de glifo barroco e brilha com luz ambarina.

- É da Ostraniene? - pergunto. Ezequiel assente.

- Não sei que raio de software eles estão usando, se não fosse o campo EPR a gente nunca ia ter acesso.

- Você já entrou lá?

Ezequiel balança a cabeça numa negativa.

- Conexões não-locais são uma via de mão dupla, a gente tá camuflado mas, do jeito que esses caras são, é bem capaz de detectarem a camuflagem.

- Que tipo de camuflagem?

- Pra uma varredura desatenta, nós parecemos fragmentos do gerenciador de imagem. Só não sei até que ponto a varredura deles é desatenta.

Mas é claro que precisamos

entrar. Daqui da periferia, o máximo que dá pra fazer é meditar sobre as circunvoluções do glifo e isso não aumenta nem um pouco nosso conhecimento.

- Vambora.

Deslizamos pela infovia e mergulhamos na massa esponjosa do ícone. Há um momento de desorientação e perplexidade, clarões brancos ofuscando minhas retinas descarnadas, trovão distante como um espírito lampejando sobre águas informes e vazias. Então, a luz se faz. Por um momento, não vejo Ezequiel, chego a pensar que estou sozinho sobre a planície arenosa. Olho em volta, não encontro ninguém. Começo a me preocupar, que tipo de risco eu tô correndo? Tudo que vejo é uma árvore seca ao lado de uma pedra vermelha. Aos poucos, tomo consciência de um murmúrio, um farfalhar de palavras. Vem da pedra. Eu me aproximo, intrigado. É a voz de Ezequiel. *Dada a existência conforme se comprova de recentes trabalhos públicos de Poinçon e Wattman de um Deus pessoal quaquaqu com barbas brancas quaqu fora da hipótese de compreensão que do alto de sua divina apatia sua divina atambia sua divina afasia...* Não preciso ouvir mais para compreender que seu circuito cerebral está girando em looping. Algures na Ogdoade, o corpo plugado de Ezequiel estará balbuciando, um filete de saliva escorrendo pelo canto da boca, olhos vidrados no melhor dos mundos possíveis. É óbvio que eu caí numa armadilha, queria saber por que não me puseram em looping também. Alguma coisa em mim estaca, em pânico. Quem disse que não me puseram? E se eu estiver tão doido, tão catatônico quanto o Ezequiel, a coerência da minha mente não sendo mais que uma ilusão subjetiva?

É uma possibilidade interessante, eu gostaria de me aprofundar em suas implicações metafísicas e ontológicas, mas nesse momento deparo com o *stáriets* Zósima movendo-se ao longe no

cenário. É impressionante como nem seu simulacro evita a impressão de velhice, eu seria capaz de apostar que reproduz milimetricamente cada ruga do original. Zósima veste um longo camisolão branco, coberto com uma túnica de seda vermelha e dourada, e usa um turbante da mesma cor. Está parado diante de um altar, parece ignorar totalmente a minha presença. O altar é um cubo de pedra, sobre o qual estão dispostos um incensário de prata, uma lamparina de azeite e uma varinha de madeira. O *stáriets* Zósima pega a varinha, gesticula muito com ela, murmura alguma coisa. A curiosidade matou o gato, eu me digo ao chegar mais perto, tentando ouvir o que ele diz. Aos poucos, como trazidas pelo vento, suas palavras chegam aos meus ouvidos. *Senhor Deus de misericórdia, diz, Deus paciente, benévolo e pródigo, que concedeis os Vossos dons de mil maneiras distintas e esqueceis das maldades, dos pecados, agravantes dos homens. Ante a vossa presença, ninguém pode declarar-se inocente, pois conheceis as faltas dos pais, dos filhos, dos sobrinhos, até a terceira e quarta gerações. Reconhece-o ante vós a minha própria miséria, já que não sou digno de aparecer ante Vossa divina majestade, nem tampouco implorar Vossa bondade e misericórdia para obter a menor graça. Senhor dos Senhores, é tão imensa a fonte de Vossas bondades que ela mesma chama aqueles que se envergonham dos seus pecados e os convida a receber Vossas graças. É por isso, Senhor e Deus meu, que rogo: tende piedade de mim, lavai a minha alma da imundice do pecado, renovando meu espírito e reconfortando-o para que seja capaz de compreender o mistério de Vossa Graça e os tesouros de Vossa Divina Sabedoria. Santificai-me com o óleo de Vossa Santidade, como fizeste com todos os profetas. Purificai-me por meio desse óleo, a fim de me fazer digno do diálogo com Vossos santos anjos e Vossa divina sapiência. Concedei-me, Senhor, o poder que tendes concedido a Vossos profetas.*

Amém. Amém. Amém.

Durante algum tempo, nada acontece, a não ser pelo eco da oração dissipando-se no ar em um efeito de impressionante realismo. É claro que o velho está louco, eu concluo. Do contrário, por que todo aquele carnaval, aquelas ameaças e demonstrações de poder? Só pra recuperar um cenário para praticar magia virtual? Minha primeira reação é de alívio, o velho está louco e a gente não tem nada a temer. Minha segunda reação é de pânico, o velho está louco e possui microcápsulas nucleares, vírus potenciados e Deus sabe o que mais. Melhor cair fora, tentar rastrear o sinal e atacar enquanto o *stáriets* continua em plena mania religiosa. É então que o pânico se aprofunda. O sistema não responde ao comando, não consigo sair. Sou um macaco e minha mão está presa na cumbuca do velho. Merda, não dá nem pra pedir ajuda, o único cara que podia fazer alguma coisa virou pedra. E é claro, nesse momento a reza de Zósima recebe uma resposta.

4

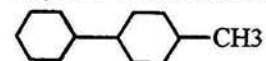
Começa com o distante rimbombar de um trovão. Um clarão vermelho inunda o ambiente virtual como um mar de sangue tragando o vale, sinto a dor percorrendo os nervos óticos de meu corpo real, um estremecimento das vísceras, uma força centrípeta que surge no meu peito e me empurra violentamente pra fora de mim mesmo, estou sendo contorcido, virado do avesso, retorcido, transformado em uma massa informe de carne e informação. Lâminas incandescentes percorrem meu sistema nervoso central, sou retalhado em tiras, salgado em postas, posto pra secar a um Sol escaldante. Quero gritar, quem disse que me sobrou língua? Quero chorar, as lágrimas evaporam do rosto antes mesmo que se formem. Esmagado por um bloco de aço & concreto, comprimido em um espaço bidimensional, unidimensional, me transformo no meu próprio horizonte de eventos, no centro do meu ser um

buraco negro suga tudo o que eu tenho, até me deixar, esqueleto descarnado, ruína fumegante, zero à esquerda, largado na planície virtual. O clarão dissipou a árvore, pulverizou a pedra. Não há mais altar, lâmpadas, nada. Mesmo as roupas se foram, restamos apenas eu e o velho nus numa planície cinzenta. É preciso simplificar ao máximo, o novo gráfico exige toda a memória disponível no sistema. Uma coluna de luz vermelha liga a terra e o céu, chamo a cor de vermelha mas não é o vermelho de sempre, das paixões e assassinatos, da casca da maçã, do sangue derramado; não é o vermelho do Sol que se põe, do neón dos anúncios, das lanternas dos carros; não é o vermelho dos olhos injetados, o vermelho da plumagem dos pássaros, o vermelho do barro. Mas tampouco deixa de ser. É como o arquétipo do vermelho, a matriz de todas essas cores, que as contém e ultrapassa, origina e antecede, se aprofunda, nosso protótipo que está no céu.

Estou junto de Zósima, aos pés da coluna, que arde como fogo e queima feito gelo. Há movimento dentro da luz, vultos semoventes que às vezes parecem acenar, ora se aproximam, ora se afastam. O que é isso? pergunto ao velho. *Anjos*, ele responde com a voz trêmula. Lágrimas lhe caem dos olhos, percorrem o labirinto de suas rugas, como uma imagem virtual pode ser tão realista? Estremeço por dentro. Talvez *não seja* uma imagem virtual. Não faz o menor sentido, mas começo a ter certeza de que quem está lá é o próprio *stáriets* em carne e osso, e não uma projeção ciberespacial. De algum modo, é sua própria carne que se converteu em informação. Nesse caso, percebo, ele está experimentando tudo com uma intensidade inimaginável pra mim. É, isso explicaria as lágrimas, embora eu próprio esteja quase a ponto de chorar. Beleza é um termo fraco demais. A palavra que mais se aproxima é *sublime*, o impacto avassalador daquilo que ultrapassa o entendimento. O abismo do Belo, sua incandescência, seu clarão ofuscante.

Diante disso, a suavidade da voz é quase dissonante. Uma ordem, um imperativo categórico. Obediente, Zósima se levanta, reverente. Tento acompanhá-lo, mas uma espada de fogo invisível barra meus passos. Sou uma estátua de pedra, imobilizado, apenas os olhos acompanham os acontecimentos. Zósima caminha para a coluna, andar lento, hierático, um sacerdote diante de seu deus. À medida que se aproxima, uma força antientrópica parece tomá-lo nos braços, as rugas desvanecem no ar, o alquebrado em seu corpo se ergue, a espinha reta que nem um amuleto Tet egípcio. Então, é como se o Anjo do Senhor estendesse a mão para o velho *stáriets* e suavemente o levasse para a coluna. O velho desaparece, tragado pela luz vermelha que começa a rodopiar feito um torvelinho. As tardes de domingo da infância, na igreja pentecostal, voltam à minha mente. *E o Senhor falou a Jó de dentro do turbilhão*. De repente, a realidade torna-se transparente e eu tenho um vislumbre de seus fundamentos últimos, cada pessoa, criatura, coisa, eu mesmo, não mais que centelhas do fogo que arde no ventre do mundo.

Acordo sozinho na planície vazia. Em retrospectiva, dá a impressão que a coluna de luz, Zósima e os anjos foram todos tragados por uma súbita explosão, mas eu sei que não houve explosão nenhuma, era só a minha interface travando com uma falha geral no sistema, muita informação pra pouca memória, erro de paridade, sei lá. Estou sozinho na planície vazia, junto ao altar, à árvore e à pedra que foi Ezequiel, miraculosamente restituídos ao cenário. *É o santelmo de Poolbeg*, murmura a pedra, *faroleste*, ou um *holofote costeando a Kishtna* ou um *vago lume que avisto dentro de uma sebe* ou meu *Garry* que vem vindo do Indo? *Espera a flúor do melilúnio*, amor! *Cai, vésper, vesperina, cai*. Em teus olhos a tarde se esvai. Que lugar terrível, penso ao desconectar.



Decididamente, deixo para os leitores opinar sobre este conto surrealista do que nos chega d'Além-mar. Segundo o Autor, o português Jorge Candeias, trata-se de "...um protesto-choc contra os preconceitos e a tacanhez de espírito, levando a liberdade (de comportamento, de movimentos, de espaço físico, etc.) ao infinito. Bastante juvenil, por sinal..."

Numa outra encarnação, o conto já apareceu na webfiction da Simetria, porém com um final diferente.

Se é que se pode falar em conto. Se é que se pode falar em final...

- Entra.

A porta fechou-se com um estalido plástico. Ele atravessou-a e entrou. A porta abriu-se, resmungando dobradiças.

- Senta-te.

A cadeira navegou na sua direcção. Ele parou-a num lugar improvável e sentou-se.

- Fala.

- Tenho um problema...

- Que problema?

Ele hesitou um momento. As mãos contorceram-se nos braços translúcidos da cadeira. Ele remexeu-se nela. Na cadeira.

- Ontem o painel de navegação abraçou-me!...

Ela flutuou, quase absurdamente. Os seus olhos estenderam-se em torno das suas órbitas elásticas e tocaram o cérebro dele. O painel tinha-o abraçado.

- E então?

- Quê?

As lâmpadas desceram daquilo que seria talvez o tecto e olharam perplexas para o espaço lá fora. Uma parede partiu para parte incerta.

- E então? Onde é que está o problema?

Ele remexeu-se na cadeira. Ela gostou. A cadeira.

- Bom... não foi agradável... é isso...

- Deverei dizer ao painel para não voltar a te abraçar?

A parede voltou, acompanhada de estrelas. As lâmpadas recuaram, envergonhadas, e apagaram-se numa breve fúria fugidia. Ele girou sobre si mesmo, ficando virado de pernas para o ar. Embora ali não houvesse ar e as pernas fossem pedaços inúteis de carne desastrada.

- Creio que seria o mais indicado.

- E se ele não quiser obedecer-me?

Pela porta fechada entrou flutuando uma cadeira amarela, feita de chumbo pesado. Parou, numa travagem perigosa cheia do chiar de pneus, e recitou numa voz musical:

- *O painel de navegação pede a comparência imediata do piloto!*

Após o que voltou a sair. Pela porta fechada.

- Terá de ser ajustado! Aliás, há já algum tempo que ando a pensar fazer-lhe uma reparaçõzinha! A voz irrita-me!
E os olhos que me deita sobre o peito...

- Ele não vai gostar...

- Quero que se lixe!...

A galáxia de Andrómeda apareceu entre eles a girar, enquanto piscava os seus olhos pestanudos.

- Ainda estamos muito longe desta menina?

E ele apontava para a galáxia.

- Faltam ainda quase dois meses.

- Que chatice!...

A galáxia deitou-lhes a língua de fora, numa careta líquida, e partiu, deixando na parede um buraco de um angström de espessura. A cadeira amarela regressou, quase simultaneamente, e recitou de novo a sua mensagem na mesma voz melíflua, na mesma inflexão cromática. Depois, atravessou a porta entreaberta e eclipsou-se, deixando no ar o seu cheiro amarelo.

- Estás a ver? Ele ama-me!...

- O painel?!

A irritação dele eram lagos de um fogo verde.

- Claro! Quem querias que fosse?

A nave estremeceu em breves gargalhadas. Um enorme sorriso surgiu, lá fora.

- Cala-te, nave!

O estremecimento aumentou.

- Bolas! - disse ele, e coçou uma orelha com as pernas de trás, furioso, alaranjado.

- Bom, que fazemos com o painel?

E a voz dele tinha a forma de uma serra mecânica:

- Desliguemo-lo!

- Não, isso não se pode fazer...

Da parede saltou um velho castiçal, com velas redondas a arder, em espiral, enfunadas pela leve brisa que soprava do Norte.

- Então poderíamos tentar mudar-lhe os gostos sexuais...

Uma leve ameaça roçou pelos cabelos dela, que se erguiam, ventosos, no ar.

- Não! Assim passaria a ser eu a vítima, não pode ser!

- Pois sim, mas ao menos tu não tens de dirigir esta nave, não tens de estar em contacto permanente com ele, não és tu o piloto.

Um sorriso titubeante nasceu na boca dela. Pôs-se de pé, lentamente, e atravessou a porta que se abriu, sorridente.

- Vou falar com ele. - gritou ela através da porta fechada.

Ele ficou só, acompanhado de um grupo de estrelas e de uma cadeira. Pouco depois as estrelas saíram, aborrecidas, murmurando entre si bramidos de desgosto. Ele e a cadeira entreolharam-se com olhos baços e ele encolheu os ombros, indiferente.

Pouco depois já dormia.

Acordou abraçado à cadeira e sentiu uma humidade secreta na roupa. A cadeira olhava-o com olhos ambíguos e um sorriso estampado entre cornucópias. A nave estremeceu e as paredes recuaram para o espaço. Risos cristalinos ecoaram no vazio. As luzes olharam pela janela.

Entretanto, cá de fora, do espaço, do ponto de perspectiva do observador comum, banal, desatento, tudo se mostrava vulgar, convencional, feito de Ficção Científica típica: a nave vogava rápida em linha recta, estendendo uma colcha de fogo e restos de combustão atrás de si, os motores rugiam de um modo quase felino e ao longe, num cenário de fita hollywoodesca, iam passando as estrelas e as galáxias numa cadência uniforme. Como é lógico e normal, e como qualquer fita mostra cientificamente, as estrelas passavam muito mais rápidas que as galáxias.

- Psst! Ana!

O murmúrio ecoou pela nave, ressaltando pelos cantos como uma bola perdida de pingue-pongue. Mas aos ouvidos dela nada chegou. Ele compreendeu e deixou-os em paz.

Mais tarde encontraram-se:

- Então? Que tal?

- Mais ou menos. Ele não é grande coisa, mas eu esperava pior.

Um sistema solar entrou pelo buraco deixado por Andrómeda e tentou contar-lhes, bêbedo, a história da sua vida. Eles fugiram-lhe, escapando-se através da única porta daquela sala. A tal que está sempre fechada.

- Sabes, - disse-lhe ele - eu estive com uma cadeira.

- Gostaste?

Encolheu os ombros.

- Sim...

Esvoaçavam algures na nave, perdidos. Ele tomou-a por um pulso. Ela rodopiou, saía de gaze estendendo-se em ondas marítimas pelo espaço, e levou-o consigo em direcção ao tecto. Embora ali não houvesse tecto. Ele puxou-a para si.

- Ana... - disse ele.

- Sim?

Uma sombra vermelha cobriu as luzes.

- Gostava de experimentá-lo contigo.

- ...

Algures na nave, num sítio perdido, as luzes fecharam os olhos.

INTERFACE COM O VAMPIRO

Fábio Fernandes

Editora Writers

Uma queixa freqüente, repetida *ad nauseam* pelos habitantes desse estranho mundo que é o fandom, é a de que os críticos não dão o devido valor à ficção científica, especialmente a ficção científica brasileira. Essa seria, segundo a visão dominante, uma prova irrefutável do preconceito acadêmico contra o gênero. A esse preconceito, costuma-se retribuir com a mesma atitude às avessas, um desprezo não só pela crítica, acadêmica ou não, mas também pela produção literária valorizada pelos críticos, e que se costuma rotular como *mainstream*.¹ Fábio Fernandes sintetizou essa atitude numa frase lapidar, parte de uma polêmica que ainda vai dar muito pano pra manga: “Foda-se Otto Maria Carpeaux!”

Essa posição de desconhecimento deliberado de qualquer literatura que não seja ficção facilmente poderia produzir outra coisa senão obras mediocres, que alimentariam ainda mais o preconceito dos críticos contra o gênero, o qual, por sua vez, confirmaria os preconceitos do fandom contra a crítica, aprofundando a atitude de desconhecimento deliberado. Poder-se-ia temer, dessa forma, um círculo vicioso que arrastaria a ficção cada vez mais para o abismo da mediocridade, até que ela não fosse mais do que um amontoado de clichês perpetuamente repetidos, feito um intestino grosso em circuito fechado.

Felizmente, na prática, isso não aconteceu. Muito pelo contrário, a ficção vem ganhando cada vez mais maturidade e consistência, tanto técnica quanto temática. Mas isso graças, não ao ponto cego do preconceito, e sim a uma geração de autores cujas influências abrangem mas extrapolam o campo restrito da ficção, incorporando elementos de vários gêneros, correntes e escolas literárias. A obra desses autores inclui a sensibilidade pop de Bráulio Tavares, o experimentalismo de Guilherme Kujawski, o maneirismo pulp de Carlos Orsi Marinho - e o pós-modernismo de Fábio Fernandes, que acaba de reunir a maior parte de sua produção dispersa em fanzines no ebook *Interface com o Vampiro*, da Editora Writers

(<http://www.writers.com.br>).

É uma coletânea curta, meras 119 páginas, mas, ao mesmo tempo, uma amostra poderosa do alcance que uma ficção científica autoconsciente pode ter como realização literária.

“Se examinarmos as leis gerais da percepção”, dizia Viktor Schklovsky, o principal teórico do formalismo russo, “vemos que à medida em que as coisas se tornam habituais, também se tornam automáticas. Assim sendo, eventualmente todas as nossas habilidades e experiências irão funcionar incoscientemente-automáticamente. [...] Por meio deste método algebráico de pensamento, os objetos são apreendidos espacialmente, num piscar de olhos. Nós não os vemos, apenas os reconhecemos pelas suas características primárias. O objeto passa de frente de nós, como se ele estivesse pré-embalado. Sabemos que ele existe por causa da sua posição no espaço, porém vemos apenas a sua superfície. Gradualmente então, sob a influência desta percepção generalizante, o objeto se esfuma e some. Isto é verdade tanto da nossa percepção do objeto em ação como da mera percepção em si. [...] E assim sendo, não sendo imputável por nada, a vida se esfuma no nada. A automatização devora as coisas, nossas roupas, mobília, esposas e o nosso medo das guerras.”²

De acordo com Schklovsky, a literatura, como as artes em geral, existe para se opor a esse automatismo da percepção e da linguagem, devolvendo ao mundo sua plenitude:

“E assim, para retornar a sensação aos nossos membros, para voltarmos a sentir os objetos, para sentir uma pedra como sendo pétrea, o Homem recebeu o dom da arte. O objetivo da arte então é o de nos levar ao conhecimento de uma coisa através do órgão da visão, ao invés da reconhecimento. Ao “estranhar” o objeto e complicar a forma, o artifício da arte torna a percepção longa e ‘laboriosa’. O processo da percepção na arte tem um propósito que lhe é próprio e que deve ser estendido ao máximo.”³

Esse processo de remover um objeto da esfera da percepção automatizada, ao qual Schklovsky chama de *estranhamento*, é análogo ao que na ficção se conhece como *sense of wonder*. Mais do que um maravilhamento besta, trata-se da capacidade de olhar para o mundo com a percepção renovada, despojada da craca depositada pelos hábitos e dos filtros criados pelo automatismo. De fato, um dos principais teóricos da ficção científica, o crítico canadense Darko Suvin, refere-se à ficção científica como uma forma de *estranhamento cognitivo*.⁴ A melhor ficção científica, portanto, é aquela que nos faz perceber o mundo com a perplexidade do espanto ou com o arrepiamento do horror, mas sempre de modo a fazer explodir o universo concentracionário da rotina que aprisiona nossa consciência numa cela. É essa oportunidade que Fábio Fernandes oferece ao leitor em *Interface com o Vampiro*. Recorrendo a todo o arsenal de técnicas de estranhamento que a literatura vem desenvolvendo desde o modernismo, dos jogos de palavras às referências, do duplo sentido à ironia metalingüística, os contos do autor nos atingem com o impacto de uma faca. Algumas dessas histórias provocam um riso nervoso, outras nos deixam mergulhado no estupro. Nenhuma nos deixa indiferentes.

A coletânea se abre com “O artista da carne”, uma narrativa curta, que usa vampiros e engenharia genética para contar uma parábola sobre a arte como diferença e repetição. Segue-se o impressionante “Em camadas”, no qual vemos a realidade se transformar num *melting pot*, no samba do crioulo doido que talvez ela seja, por baixo de todas as nossas tentativas ingênuas de lhe dar coerência e significado. Não é por nada que o conto é dedicado a Ivan Carlos Regina, o autor mais pessimista da ficção (e também o mais engraçado), bem como a Philip K. Dick, o mestre por excelência das realidades que se dissolvem.

Mal nos recuperamos da explosão final de “Em camadas” e o

autor nos leva ao macabro restaurante de "A conta, por favor (ou: Salvador almoça no Antiquarius)", um lugar onde o prato principal é uma dose reforçada de humor negro. Como sobremesa, "Falange Vermelha", impressionante experiência sensorial de decadência e corrupção física. Depois dela, o leitor estará pronto para um dos pontos altos do livro, "M.U.A.", história de viagem no tempo em que o processo de arrancar um objeto da esfera da percepção automatizada ganha corpo de modo ao mesmo tempo trágico e literal.

"Se um viajante a bordo de um disco", com seu título emprestado a Ítalo Calvino, é uma recriação irônica do universo das abduções ufológicas e, depois da montanha-russa que foi "M.U.A.", serve de pausa imprescindível antes que o leitor possa enfrentar "Declínio e Queda", o melhor conto do livro.

Passado num Rio de Janeiro tanto mais apocalíptico quanto menos remete ao futuro, mas a uma realidade familiar e cotidiana que desmorona ao nosso redor quase sem nos darmos conta, "Declínio e Queda" é uma dessas obras que não faz a menor concessão ao otimismo sentimentalóide do dr. Pangloss e bombardeia o leitor com uma golfada após a outra, sem trégua nem descanso. Ao final da leitura, operações tão rotineiras quanto falar ao telefone ou andar de ônibus revestirão uma aura sinistra, como presságios de uma onipresente catástrofe. Catástrofe, inclusive, no sentido etimológico.⁵

"Não temos tempo", como "Se um viajante a bordo de um disco", revisita outro tema caro à ficção ufológica, os invasores estão entre nós. Mas acrescenta doses maciças de ambigüidade e ironia, com um final que, como o clássico "A Organização do Dr. Labuzze", de André Carneiro, lança dúvidas sobre tudo o que (des)aconteceu e faz a história terminar suspensa da indecidibilidade. Por coincidência, o conto seguinte, "O Poder e a Glória", começa no ponto exato onde "A Organização do Dr. Labuzze" havia terminado, trinta e sete anos atrás, fazendo-nos perguntar se Fábio Fernandes não será (até por suas inimizades) o sucessor de André Carneiro na nova geração da fcb:

"Agora percebo que a vida é um subterrâneo de espelhos, dela eu enxergava uma casca enganadora", conclui o narrador de "A Organização do Dr. Labuzze"⁶. "Como eu devia ser cacete com minúcias e certas. Agora não confio em mais nada.

[...] Já não acredito no que meus olhos observam. Olho a porta do quarto, fecho a luz, ela desaparece. E as perspectivas, ilusões de ótica. As imagens no cinema se movem, no celulóide estão paradas. De que me serve a palavra para traduzir pensamentos? Escrevo tudo isto para exprimir o quê?"

A narração em terceira pessoa de Fábio Fernandes pega daí:

"Um dia, ele deduziu: se os átomos são divisíveis, na realidade não somos sólidos. Na realidade, não vivemos na realidade. Imaginamos que somos. E não somos. Ou melhor, somos mais do que imaginamos. Somos tudo."

Seria difícil encontrar uma ilustração mais clara, diríamos mesmo que didática, das teorias de Viktor Schklovsky sobre a função da arte. Porque o protagonista de "O Poder e a Glória" literalmente suspende, um por um, os filtros que o automatismo do hábito e a linguagem estereotipada do dia-a-dia antepõem a nossa percepção da realidade. E ao remover esses filtros, depara com uma outra ordem de existência na qual, incidentalmente, encontra uma resposta muda mas definitiva às perguntas do narrador de André Carneiro.

Se "O Poder e a Glória" remete a Schklovsky, os dois contos que fecham o livro, "Um diário dos dias da peste" e "Interface com o vampiro" remetem às teses sobre o conto do escritor argentino Ricardo Piglia. Para Piglia, um conto sempre conta duas histórias: "Uma história visível esconde uma história secreta, narrada de modo elíptico e fragmentário." A arte do contista, diz ele, consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1: "O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície."⁷

É o que acontece em "Um diário dos dias da peste". Uma história visível, sobre um novo tipo de vírus que se difunde pela internet e enlouquece os computadores, esconde uma história secreta, que só se revela no final. E, como preconizado por Piglia, o que parece supérfluo na história visível mostra-se básico na história secreta. "Interface com o Vampiro" dá um passo além nessa direção e transforma a história secreta do primeiro conto numa nova história visível que esconde, ela própria, uma história secreta, na qual, uma vez mais, como em "O Poder e a Glória", o protagonista mergulha numa outra ordem da existência que dissolve sua subjetividade. "O conto se constrói para fazer parecer artificialmente algo que estava oculto", escreve Ricardo Piglia⁸.

"Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permita ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta." Está falando sobre o conto em geral, mas poderia estar descrevendo as histórias de Fábio Fernandes. No que ele diz, não é difícil perceber o eco de Schklovsky e seu estranhamento, especialmente quando ele cita Rimbaud: "A visão instantânea que nos faz descobrir o desconhecido, não numa longínqua terra incógnita, mas no próprio coração do imediato."

É essa visão instantânea que nos trazem os contos de *Interface com o Vampiro*.

NOTAS

¹ Uma denominação esdrúxula e, na prática, desprovida de qualquer significado porque, como inclui tudo o que para o senso comum não é ficção científica, acaba agrupando no mesmo saco de gatos best-sellers os best-sellers de John Grisham e Sidney Sheldon, os romances experimentais de Beckett e Joyce, a literatura fantástica de Guimarães Rosa ou Júlio Cortázar, enfim, uma diversidade tão grande de obras e autores que é preciso um espírito tacanho para achar que têm alguma coisa em comum.

² Viktor Schklovsky, "Art as Device", em *Theory of Prose*, Dalkin Archive Press, Illinois, 1990.

³ Ibid.

⁴ Darko Suvin, *Metamorphoses of Science Fiction - On the poetics and history of a literary genre*, Yale University Press, New Haven and London, 1979.

⁵ "Gr. *katastrophé*, de *kata*, para baixo; *strophé*, de *strephein*, subverto." (Prof. Silveira Bueno, *Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*, vol. II, Ed. Brasília, Santos, 1974.)

⁶ André Carneiro, "A Organização do Dr. Labuzze", em *Diário da Nave Perdida*, Edart, São Paulo, 1963.

⁷ Ricardo Piglia, "Teses Sobre o Conto", em *O Laboratório do Escritor*, Iluminuras, São Paulo, 1994.

⁸ Ibid.

Resenha :

"Stir of echoes"

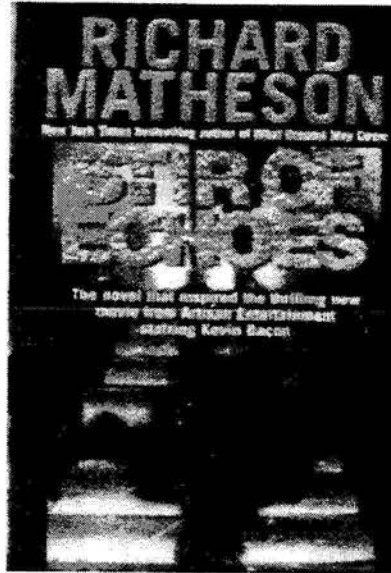
por Roberto de Sousa Causo

A Stir of Echoes, Richard Matheson. New York: Tor Books, 1999 [1958], 211 páginas.

Quando as pessoas começaram a repetir (segundo a deixa dada por Gilberto Schoereder), que minha noveleta "Vôo Sobre o Mar da Loucura" era uma boa história dentro da linha dos episódios da série de TV *Além da Imaginação* (*The Twilight Zone*), eu percebi duas coisas: uma, que em geral se esquece que *Além da Imaginação* era expressão dramaturgica de uma tradição literária; afinal, gente como Richard Matheson, Charles Beaumont e Ray Bradbury escreveram para a série, sem falar do seu próprio criador, Rod Serling, que tinha consciência de estar, segundo um documentário sobre ele exibido no canal a cabo GNT, usando a fantasia para falar da realidade americana contemporânea. E a outra coisa que percebi foi que, tendo sido influenciado pela série e por outros filmes escritos por Matheson, eu devia muito a ele, sem nunca ter lido nada saído da sua própria pena.

Por conta disso, decidi ler enfim algo de sua autoria, e comecei com *A Stir of Echoes*, novela de 1958, recentemente republicada nos Estados Unidos por conta de mais um filme baseado em sua obra literária, filme que chegou ao Brasil como *Ecos do Além*, provavelmente na cola de uma outra produção muito bem sucedida, *Amor Além da Vida*, também desenvolvido a partir de uma história de Matheson.

As duas histórias têm algo em comum: um certo conhecimento de espiritualismo, pois *A Stir of Echoes* é um trabalho sobre mediunidade. Tom Wallace, empregado de uma fábrica de aviões na Califórnia, durante a década de 1950, participa de um encontro de amigos na casa de um de



seus vizinhos de um bairro suburbano. Durante o encontro, seu cunhado, Philip, estudante de psicologia em Berkley, o hipnotiza para o entretenimento dos outros. A partir da hipnose, Tom passa a ler o pensamento dos outros — e a ver o fantasma de uma moça que, ele descobre ao longo da história, era Helen Driscoll, cunhada do seu senhorio, e que havia morado na mesma casa que ele agora aluga com sua esposa, Anne, e o filho de dois anos, Richard.

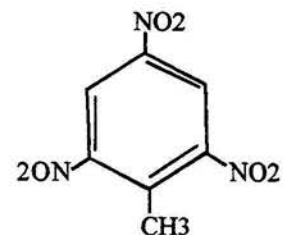
A novela passa então a narrar as dificuldades de Tom com o recém-adquirido dom. Em certo momento, os *insights* mediúnicos o permitem impedir o seqüestro do filho. Mais pelo fim da narrativa, Tom finalmente consulta um amigo especialista em parapsicologia, que racionaliza os eventos em termos de uma habilidade parapsicológica, e não *sobrenatural*.

Mas a novela reserva surpresas

futuras, na medida em que o protagonista amadurece em suas convicções e tenta resolver os mistérios em torno de Helen Driscoll.

A Stir of Echoes é um trabalho compacto, enxuto, narrado com segurança e linguagem clara e objetiva. São virtudes características do formato da novela, mas também do estilo de ficção de gênero próprio da época. Alguns momentos são realmente assustadores e suportam uma reflexão sobre a realidade e seus limites — especialmente quando eles se encontram com o inesperado, o inefável e o bizarro —, muito bem costurada no contexto de tons naturalistas do *ethos* suburbano de classe média que Matheson explora muito bem. O real, tão bem conhecido, vai se rarefazendo, e torna-se fácil absorver então a afirmativa de Stephen King, que aparece na quarta capa: "O autor que me influenciou mais como escritor foi Richard Matheson."

King paga o seu tributo a esse autor que é muito mais importante e influente — principalmente através de seus *scripts* e das adaptações de trabalhos de sua autoria para a TV e o cinema — do que lhe tem sido creditado.



Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros!

• **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Hiperespaço**: Editores: Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Cx. Postal 375, Santo André/SP, 09001-970

• **Hipertexto**: Editores: Carlos André Moraes e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.

• **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.

• **Intrepid**: Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.

• **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.

• **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180

• **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores. R. Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

• **Brief News**: Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

• **Suplemento de Ficção Científica**: Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formu*

lário Contínuo, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC.

Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• Fábrica de Fanzines:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo. R. André Dreifus, 109/163 Bloco 2, São Paulo/SP, 01252-901.

Biblioteca Essencial da FCB: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

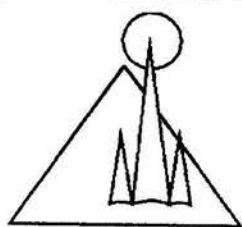
Borduna & Feitiçaria: A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

Brazuca Review: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

Diário do Fandom: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

Papêra Uirandê Especial: A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

O Rhodaniano: A4, 12 páginas. Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan*.



C.L.F.C.

CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais em São Paulo todos os últimos sábados de cada mês (*), das **15h às 18h**, no Clube dos Engenheiros: Rua José Paulino nº 7 (Estação da Luz) das **19h** até o último sair (ou ser expulso), na Presto Pizza: Rua Esmeralda nº 39 (próx. ao Parque da Aclimação)

(* exceto Dezembro, quando ocorre o tradicional almoço de confraternização.



"Gatinho, você poderia me dizer por qual caminho eu devo seguir?"

"Ora, CLFC, para onde você quer ir?"

"Sei não, Gatinho, eu não sei exatamente..."

"Nêste caso, CLFC, se você não sabe para onde quer ir, então qualquer lado serve !"